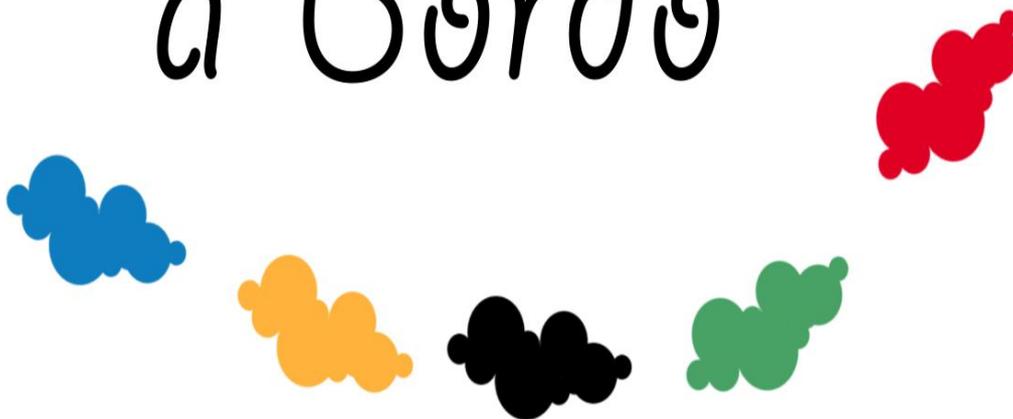


Dicas a Bordo



www.dicasabordo.com

Faculdade de Comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso
Publicidade e Propaganda

Isadora Andrade Lima
Matrícula: 11/0077091

Brasília, 2013
Universidade de Brasília





O Dicas a Bordo escolheu pelo menos um país de cada continente.

Experiências de viajantes em mundo vasto de culturas e biodiversidade



Montanhas, praias ou cidade grande?

No Dicas a Bordo você encontra vivências e percepções de diversos viajantes.



Permita-se reviver sua viagem e embarque conosco!

Envie o relato da sua experiência e dê dicas para os próximos viajantes.



Dicas a Bordo, um espaço para discutir sobre viagens com dicas e relatos de viajantes pelo mundo todo.
Embarque conosco!



Confira as Redes Sociais do Dicas a Bordo:
Fotos (Flickr), vídeos (Youtube) e interaja conosco na nossa Page (Facebook).

Lua de Mel em Las Vegas – Estados Unidos

Bruna Martins, 24 anos.

Profissão: psicóloga.

O que pretende: ser servidora pública.

Países que conhece: Argentina e EUA.



Contarei a experiência que tive em *Las Vegas*, cidade a que fui em lua de mel em agosto de 2013. Apesar de ter permanecido lá apenas por uma semana, pude observar os costumes, o idioma, a alimentação e a educação dos habitantes. Acredito que conhecer outros países é muito bom, pois podemos ter contato com uma cultura muito diferente da nossa. Constatei que *Las Vegas* é o lugar da diversão. As pessoas vão até lá para se entreterem, é uma cidade que não para.

Eu e meu marido ficamos hospedados em um dos melhores hotéis de *Las Vegas*, o *Bellagio*. O nosso quarto tinha vista para as fontes do *Bellagio*. Era maravilhoso, quarto de luxo, tratamento super vip, vista incrível. No entanto, as coisas lá são bem caras. Por exemplo, pedi um prato com frutas que custou 30 dólares, ou seja, paguei 72 reais, considerando que o dólar estava (R\$2,40). Mas o padrão de luxo que eles oferecem compensa.

Os locais que recomendo conhecer são os hotéis de forma geral, pois cada um tem sua particularidade, algo para ser visto. Aqueles que visitei e me atraíram muito foram: *Ceaser Palace*, *Bellagio*, *The Venetian* devido as suas arquiteturas e cassinos. Além disso, à noite é muito comum ter shows musicais, de comédia, espetáculos em geral.

Então, a dica para quem está indo a *Las Vegas* é ficar em hotéis na *Strip* (avenida principal); levar protetor solar, óculos de sol e comprar os ingressos dos espetáculos com o máximo de antecedência. É ideal conferir qual a programação semanal que

ocorrerá na data em que estiver lá. Recomendo aos viajantes fazer um roteiro de passeios, especificando todos os horários. Na viagem, se não tiver um roteiro, você acaba ficando sem fazer nada ou então indo aos mesmos lugares.

Para sair à noite há muitas opções. Eu e meu marido fomos aos cassinos dos hotéis (*Bellagio, Ceaser Palace*) e bares na própria *Strip*. Não tem como não conhecer a *Strip*! Lá há várias lojas, bares, restaurantes, é uma rua muito movimentada. Além disso, tem também a Torre Eiffel, que imita a torre de Paris. Do alto é possível ter uma boa vista da cidade. Fomos ao *Cirque du Soleil (Zumanity)* e ao *Blue Man Group*. O primeiro era uma apresentação mais sensual, e o segundo um show com muitas luzes e sons. Os dois realizavam comunicação com a plateia.

Para compras, um local que recomendo é o *Outlet Premium*, já que possui diversas marcas com preços mais acessíveis; a *Ross*, uma loja que contém produtos de ponta de estoque; *Fashion Show Mall* é um shopping que possui várias lojas que me interessaram, inclusive uma loja enorme de departamento com roupas para mulheres e homens: a *Forever 21*, que tem preços ótimos.

Las Vegas é uma cidade onde você encontra todo tipo de comida, já que lá é um lugar que imita os outros países, então as comidas oferecidas lá são bem variadas. Dependendo do local aonde você vai, há inúmeras opções: comida italiana, francesa, brasileira, americana, chinesa, enfim, o que não falta é diversidade. Mas no hotel em que nos hospedamos, os pratos eram típicos dos EUA, ou seja, refeições com muita gordura como bacon, ovos, carne, hambúrgueres, pizza, entre outros.

O aspecto que mais me chamou atenção com relação à cultura foi a maneira como os americanos tratam os clientes, pois a todos os locais que íamos, todos nos recebiam com muita educação e empolgação. É como se todos estivessem felizes com a nossa presença. Isso foi uma coisa que me marcou muito, pois parecia que nós éramos importantes para aquele comércio, diferente do Brasil, em que a sensação que temos, por exemplo, quando entramos em uma loja, é que ninguém faz questão da nossa presença (como cliente).

A maior dificuldade que tive foi com relação ao idioma. Sou formada em inglês, mas havia um bom tempo que não praticava. Um exemplo de uma situação difícil: fui a uma farmácia comprar um medicamento e precisei falar a composição do remédio e como era o seu rótulo. Foi bem complicado, mas no final ele compreendeu e conseguiu encontrar o medicamento correto. Não pensei em desistir da experiência, mas foi difícil, pois desde o voo eu comecei a me sentir mal, muito enjoo, vômitos e dores de cabeça, e ainda tinha que lidar com a comida que não era saudável. Além disso, como fui no verão, o calor nas ruas era quase insuportável, temperatura de clima de deserto. Quando eu entrava nos hotéis, estava muito frio por causa da alta temperatura do ar condicionado, então o choque térmico acaba fazendo muito mal. Mas, apesar das

dificuldades, me emocionei por ter vivido essa experiência, senti que era algo único, ainda mais que foi em lua de mel.

As pessoas que conheci lá me trataram muito bem, pois todas as minhas dúvidas (sobre aquele local, modo de se comportar das pessoas, costumes) eram sanadas, bastava eu perguntar. Então isso contribuiu para minha evolução tanto de conhecimentos, como também do idioma.

Ainda não tenho planos para a próxima viagem, mas o que aprendi é que tenho que treinar mais o idioma local, pois isso dificultou algumas vezes a comunicação e, no meu caso, não ir quando tiver muito calor, pois me fez muito mal. Além disso, constatei que o atendimento ao público no Brasil poderia melhorar, assim como a limpeza nas ruas, a educação das pessoas, os produtos e serviços poderiam ter preços mais acessíveis.

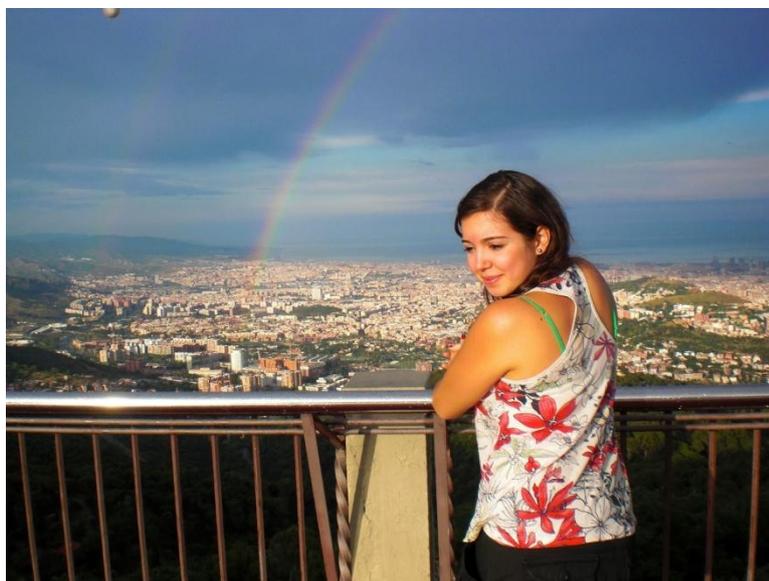
Vivências na Espanha: Dicas sobre a Costa Brava e Barcelona

Carla Oller, 23 anos.

Profissão: publicitária; trabalha em consultoria de comunicação.

O que pretende: trabalhar no universo da comunicação.

Países que conhece: Alemanha, Espanha e Peru.



O país que eu conheci e morei por mais tempo foi a Espanha. Eu vivi em um povoado da *Catalunya* chamado *Palamós*. Morei lá dos 8 aos 18 anos e a experiência foi muito boa. Como meu pai é espanhol e minha mãe é brasileira, nós sempre vivemos divididos entre o Brasil e a Espanha. Mas para mim foi muito bom porque eu saí do Brasil com 8 anos, então pude conhecer um pouco do país em que nasci, mesmo sendo muito criança. Depois, cheguei em uma cultura totalmente nova, com outra língua e costumes,

entretanto isso foi positivo porque tive oportunidade de ampliar meus horizontes, percepções e vivências.

A região que vivi foi no povoado de *Palamós*, que é um local de praias e fica a 100 Km de *Barcelona*, onde todos sabem que é uma cidade ótima para ir, multicultural e muito interessante. Porém, quem tem a oportunidade de conhecer a *Costa Brava* deve aproveitá-la, a região é repleta de povoados próximos que formam a linha costeira do Norte da *Catalunya*. Vale a pena visitar, principalmente para quem gosta de um clima mais calmo, diferente de cidade grande. Na Espanha, cidade pequena não tem o mesmo conceito que os brasileiros definem (cidade isolada, sem nada para fazer). Lá os povoados são pequenos, mas com muitas atrações e as praias.

O lugar mais conhecido perto de *Palamós* se chama *Playa D'aro*, para sair à noite é uma ótima opção, pois lá há várias boates, pubs e bares. A divulgação ocorre pelas ruas, há um relações públicas, que é a pessoa que vem e te entrega um *vale-drink* grátis para você ir até o local conhecê-lo. Assim, é possível conhecer vários lugares porque todos oferecem promoções de consumação e convites. A infraestrutura em geral é ótima, há ônibus que funcionam também à noite e é bastante seguro.

Para compras, os povoados têm um bom comércio e os preços são muito mais baratos que no Brasil. No inverno o movimento fica mais parado, mas no verão há muitos turistas. Como as distâncias entre os povoados são muito curtas, sempre há diversas opções de locais para conhecer. Além disso, a *Catalunya* é muito perto da fronteira com a França. Para compras, sugiro ir a Andorra, que é um país muito pequeno localizado na fronteira da França, onde o imposto geralmente é menor. Como é bem perto dessa região, dá para ir e voltar no mesmo dia.

Barcelona também é um ótimo local para compras, pois há muita variedade. O lugar que eu mais gostava de ir para esta finalidade é o *Portal de l'Angel*, é uma rua que fica lotada, ainda mais no verão. Nesta rua há lojas de grandes marcas espanholas: *Zara*, *Pull&Bear*, *Oyscho*, *H&M*. No verão ocorrem as *rebajas*, que são as promoções de lá. Então os preços começam a cair continuamente a partir de 30%, 40%, 50% de desconto durante esta época.

A vida noturna em Barcelona também é muito agitada, há muita variedade de boates, cada uma com um tema. Uma das mais conhecidas do mundo é a *Pacha*, que tem sua sede em *Barcelona* e também em *Ibiza*. Vale a pena viajar para lá também, pois é muito próximo. Os voos de avião costumam ser baratos, mas existe a opção de ir de barco e é um passeio bastante interessante. É possível pegar o barco à tarde, apreciar a vista do pôr do sol, e alguns barcos já oferecem festas durante o trajeto Barcelona – Ibiza. O preço pode variar, mas deve ser em torno de 100 euros por trajeto.

Em relação à programação cultural e pontos turísticos, em Barcelona há diversos museus e obras arquitetônicas belíssimas. Tem o museu *Dalí*, o museu de Arte (*Museu Nacional d'Art de Catalunya*), o museu de História da *Catalunya*, o *Museo Europeo de Arte Moderna (MEAM)*, entre outros. Uma atração interessante também é o *Aquarium de Barcelona (L'Aquarium de Barcelona)*, que é um dos maiores aquários da Europa e tem muita variedade e boa infraestrutura, como esteira automática para os visitantes observarem os aquários durante o trajeto.

Além desses, há o *Park Güell*, do autor *Eusebi Güell*, que é um autor modernista e é interessante, pois suas obras de arte relacionam-se com elementos naturais, então é muito legal de se ver. Na entrada do parque é possível notar uma fonte de dragão feita pelo artista *Antoni Gaudí*. Antes a entrada ao parque era gratuita, mas atualmente o ingresso é cobrado e custa aproximadamente 8 euros. Outros locais que vale muito a pena conhecer para apreciar arte moderna é a *Casa Gaudí* e a *Casa Batlló*, que chamam muito a atenção devido a todas as formas e curvas, sem contar com a famosa obra de *Antoni Gaudí*, *A Sagrada Família (La Sagrada Família)*. Outra programação que não pode faltar é o Palácio de Música (*Palau de la Música Catalana*), ele é todo decorado no estilo modernista, é muito lindo.

Além de todos esses atrativos, não poderia deixar de falar sobre a cozinha mediterrânea, que é conhecida mundialmente pela sua qualidade, tudo é muito gostoso. Mas eu diria que os pratos principais são a *Paella*, que é o arroz com vários frutos do mar, mas também pode ser com carne. Um prato típico importante é o pão com tomate, que parece algo muito simples, mas é servido com queijo, presunto de *Parma*, é delicioso. Na Espanha também tem muita variedade de queijos com qualidade, pois como é perto da França, é acessível. Outro prato da região é a *tortilla* espanhola, que é uma torta com ovos, cebola e batatas. Na maioria das vezes, come-se *tortilla* junto com o pão com tomate de acompanhamento.

Em 10 anos de convivência em um país, é claro que as pessoas com quem fiz amizade me marcaram muito, e até hoje fazem parte da minha vida. Tenho vários amigos e as novas tecnologias facilitam o nosso contato. Ter tido esta vivência contribuiu muito para quem eu sou hoje. O mais importante é que pude conhecer outros pontos de vista, pois pessoas de outros países sempre agregam outras experiências e diferentes horizontes. Além disso, é sempre bom conhecer novos lugares, porque não é só a cultura que te agrega, são as pessoas também.

Conhecer várias culturas contribui para abrir sua mente, faz com que você seja mais tolerante e valorize mais o que tem. Conhecer diferentes pessoas, de outros países com experiências e vivências diferentes da sua, é algo que enriquece muito no sentido de ter um ponto de vista do que você é, em comparação ao que as outras pessoas são. Isso te ajuda muito a se conhecer e entender os costumes das outras pessoas, as formas de conversar, agir, compreender a cultura em geral das outras pessoas.

Tem uma frase que eu gosto muito que é: "*Viajar é a única coisa que você paga, mas fica mais rico ao mesmo tempo*". É algo que te agrega muito e te traz muitas experiências, vivências que você não teria se não saísse do mesmo lugar, e são muito importantes para o desenvolvimento de uma pessoa. O mundo está cada vez mais globalizado, as fronteiras estão cada vez mais abertas, há mais mobilidade de pessoas viajando pelo mundo inteiro. Tem países, inclusive, em que os habitantes locais estão em menor número que os imigrantes. Então, o respeito é a base para o entendimento entre as culturas, aprendendo a respeitar e entender os pontos de vista de outras culturas. No momento não tenho um plano para viajar porque estou com uma vida estável no Brasil e trabalhando. Mas acredito que o meu maior objetivo nesta vida é viajar.

Curiosidades culturais da Espanha:



Vivi durante 10 anos da minha vida na região da *Costa Brava* da *Catalunya*, em um povoado chamado *Palamós*, que fica a aproximadamente 100 Km de Barcelona. O que mais me cativou de lá foram as praias, porque na região que vivi há diversas praias, uma ao lado da outra e é muito bonito. A vegetação é de montanha e é possível andar pelo *Caminos de Ronda*, que significa caminho que ronda as praias. São acessos feitos para passar de um penhasco a outro entre as diversas praias pequenas ("calas") que vão se unindo ao longo do caminho.

É importante ressaltar que a cultura geral da Espanha não é a mesma da *Catalunya*, mesmo sendo no mesmo país. Os catalães são bem diferentes dos espanhóis. Entretanto, o que me chama mais atenção nos espanhóis, no aspecto geral, é que a população é muito aberta, receptiva e extrovertida. A Espanha é famosa na Europa inteira devido às festas e horários. O espanhol come, sai para beber e dorme muito tarde. Há também o horário da *Siesta*, e o horário comercial se baseou nesse costume. Assim, ficou estabelecido que as atividades laborais iniciam das 9 as 14h, depois tudo fecha e reabre das 17 as 21h.

Sistema educacional: como morei na Espanha dos 8 aos 18 anos, pude conhecer bem o funcionamento do sistema educacional de lá: há os anos de primário (ensino fundamental) que vai dos 6 aos 12 anos; depois o estudante vai para o Instituto dos 12 aos 16 anos (ensino médio), que lá se chama *ESO - Educação Secundária Obrigatória*. E a partir dos 16 anos, o aluno é direcionado a escolher qual área vai cursar durante dois anos (exatas ou humanas). Este período é o bacharelado, você já vai encaminhado para a área que você quer estudar na universidade. No meu caso, eu estudei Humanas. Depois do *Segundo de Bachillerato*, você faz a prova que se chama *seletividade*, que é como o vestibular do Brasil. Após esta etapa, há o ingresso para a universidade. Quando você faz o exame, escolhe a área que gostaria de estudar e tem a opção de ir para qualquer lugar da Espanha. Há a nota exigida pelas universidades, e dependendo da sua pontuação, você é aceito ou não em determinado local.

Para o estrangeiro há algumas opções. Entretanto, como todos sabem, atualmente a Espanha está em crise, então diminuiu muito o orçamento para bolsa de estudos, mas como a crise está no estágio final, acredito que haja bolsas de estudos, mas em menor número. Quem quer ir sem bolsa, também é possível, porque dependendo do curso e local, pode ser mais barato que algumas universidades particulares do Brasil. Mas há custos de manutenção, comida e tudo o mais. Então, quem deseja ir deve avaliar bem o custo benefício. Uma outra alternativa é o *Erasmus*, que é um programa de mobilidade para a Europa inteira, então se você estudar na Espanha, pode pedir o *Erasmus* para ir a qualquer lugar da Europa que tiver a sua área de estudos.

Infraestrutura: na Espanha há muita opção de transporte, há uma boa infraestrutura, além da curta distância entre os países. É muito simples viajar de um país para outro. Também tem a mobilidade por trem. A pessoa pode comprar uma passagem que é programada para viajar por vários países. Além disso, há a opção de dormir no trem, assim dá para economizar com gastos de hotéis e ao mesmo tempo conhece vários países durante a viagem de trem.

Curiosidade cultural: existe um aspecto que eu vejo muita diferença entre a cultura brasileira e a da Espanha, que é a questão da religião. Percebo que no Brasil as pessoas são muito ligadas à fé, há muitos jovens que vão para a igreja, que se manifestam, que acreditam, que gostam de manifestar sua fé, é algo de que as pessoas têm orgulho. Lá é

bem raro este tipo de acontecimento, pois atualmente a cultura, no aspecto geral, acredita mais na ciência e pragmatismo.

Outra diferença entre o Brasil e a Espanha é em relação às praias. As praias do Brasil possuem barraquinhas, comércio e diversos vendedores ambulantes. Para quem gosta da tranquilidade, as praias espanholas não tem este tipo de coisa, não há barracas, bares nem vendedores ambulantes, pois eles são proibidos por lei. Outro aspecto é que as praias da Espanha são conhecidas por ser permitido fazer topless, ou seja, as mulheres andam somente com a parte de baixo do biquíni, elas tomam sol, nadam, descansam sem nenhum tipo de problema e assédio. As pessoas lidam com isso com naturalidade, é bastante comum.

Recomendações: a principal dica para quem vai viajar para lá é se planejar com tempo e se programar para o que quer visitar. Na Espanha as pessoas são receptivas. Barcelona é uma cidade que recebe milhões de visitantes e tem infraestrutura turística para recebê-los, há mais abertura de idiomas, de comunicação.

Um lugar que é necessário conhecer são as famosas *Las Ramblas* de Barcelona, que hoje é um ponto turístico de referência. É uma rua larga, de grande movimentação que liga a *Praça da Catalunya* ao *Porto Velho*. O local é marcado por várias lojas, cafés, restaurantes, floriculturas e performances de vários tipos: mímicos, atores, músicos e estátuas de pessoa humana. As ruas estão sempre lotadas, principalmente de turistas durante o dia e a noite. Vale a pena visitar alguns locais como *La Boqueria*, o *Grande Teatro do Liceu*, a *Praça Real*, o *Monumento a Colombo*.

Os espanhóis atendem bem o estrangeiro, mas nem todos falam inglês, pois não é um idioma padrão, não é comum. Mas no restante da Europa, os outros países adotam o inglês com mais frequência, mesmo sendo algumas pessoas mais fechadas, principalmente no Norte da Europa, mas como há muito intercâmbio turístico dentro da Europa, é muito comum ver pessoas de outros países.

Na minha opinião, o Brasil ainda tem muito a fazer no sentido de atrair pessoas para ser mais explorado como um destino turístico, principalmente em relação a infraestrutura do sistema de transportes. Há a necessidade de melhorias nas estradas também. Deveria ampliar o sistema de trens e metrô; os ônibus também têm muito a melhorar. Não só nesta questão, o Brasil tem um caminho a percorrer para crescer e evoluir.

Nosso país precisa chegar a um ponto aceitável em relação à educação e à segurança. Na verdade, acredito que estes dois pontos estão ligados porque o fato de ter tanta marginalidade tem relação com a educação. O Brasil pode ter contribuído por ter tirado mais pessoas da pobreza e ter incluído educação, isso é quantidade. Mas a qualidade da educação ainda não é aceitável em comparação a outros países. Eu sinto muita falta de poder sair na rua tarde da noite e não sentir medo de ser assaltada ou sequestrada,

porque são coisas que não passam na nossa mente na Espanha. Pode haver furtos em certos locais, mas a violência não é comum. Aqui, acaba sendo banal, de tanto que escutamos no jornal notícias sobre violência. Então, o Brasil precisa melhorar nesse sentido.

Na minha opinião, o acesso à cultura no Brasil é muito elitizado, a maioria das opções são caras, não há muitas opções de museus, festivais e eventos culturais gratuitos. Na Espanha, há sempre feiras temáticas, tem uma que eu gosto muito, que é a medieval no verão, onde todos se vestem de medievais, trazem produtos artesanais, montam as barracas temáticas. Há feiras de circo, com vários artistas da área, tudo de graça. Aqui não acontece com tanta frequência este tipo de feira, porém isso está mudando e a tendência é melhorar, como pude observar com a proposta do *Picnik*, um evento que reúne diversas pessoas em um local aberto, com feiras, exposições, danças, apresentações.

Um aspecto que pode ser tanto positivo como negativo, em relação ao jeito do brasileiro em geral, é a fé de que tudo vai dar certo. Isso é uma faca de dois lados. O bom é porque as pessoas são muito positivas (até nas expressões: *graças a Deus, se Deus quiser*), o povo brasileiro tem muita fé de que tudo vai funcionar. Só que isso, por outro lado, faz com que algumas pessoas sejam acomodadas, não corram atrás, sem iniciativa para mudanças, falando de modo geral, é claro que há exceções. Mas temos também muito para nos orgulhar. Eu valorizo o clima daqui e as nossas comidas típicas, como a tapioca e a goiabada. Além disso, aprecio a variedade de frutas que temos facilmente. Na Espanha não há muitas opções, e isso é algo que eu dou muito valor.

Excursão para Disney

Carolina Andrade Soares, 16 anos.

Profissão: estudante.

O que pretende: trabalhar na área de Biologia ou Biomedicina.

País que conhece: Estados Unidos.



Ter tido a oportunidade de conhecer outro país foi maravilhoso. Foi uma vivência completamente diferente porque pude ver outros costumes, comidas e comportamento. Notei que os americanos, de modo geral, são pessoas mais frias, não são muito comunicativos. Esta foi a minha primeira experiência internacional que ocorreu no ano passado, em homenagem aos meus 15 anos. Viajei em uma excursão para a *Disney*, o que possibilitou a convivência com outros viajantes da minha idade. Foi maravilhoso e, claro, eu amei a *Disney*!

Eu fui a todos os parques da *Disney* e também a alguns shoppings e *Outlets* de *Miami* e *Orlando*. Os parques, eu indico para ir a todos porque são ótimos. Tem um que eu gostei bastante que é o *Sea World* porque tem muitos animais e há um show maravilhoso de golfinhos e baleias, no qual eles fazem algumas atrações específicas. Tem também uma montanha russa que eu gostei muito, se chama *Manta* e ela simula o nado de uma arraia, é perfeito. A fila tem ar condicionado e tem alguns aquários com peixes passando, é incrível. Além desses, gostei muito do *Magic Kingdom* porque à noite tem uma atração muito especial. Eles soltam vários fogos, tem um jogo de luzes com efeitos especiais sobre o castelo, tem o desfile das princesas, é bem encantado mesmo.

Outra parque que eu amei foi o *Parque da Universal* porque é bem variado, tem a temática de muitos filmes e tudo faz com que as atrações se aproximem bastante da realidade, como se fosse um parque vivo de verdade. Tem simuladores 4 D. Eu gostei muito do simulador do Homem Aranha. Eu também gostei bastante do parque do *Harry Potter*, achei as atrações muito perfeitas porque eu amo *Harry Potter*. Eu me senti no

castelo porque lá tudo é muito vivo. Tem o *Chapéu Seletor* que fala, os quadros todos se mexem dentro do castelo. Tem um lugar que as pessoas compram varinhas e elas são iguais as do filme. Tem o *Livro Monstruoso dos Monstros*, que faz barulho e tenta morder. Ele fica dentro de uma gaiola para não machucar ninguém. É um sonho! *Hogsmeade* tem as casinhas todas cobertas com “gelo”, que na verdade é gesso, mas fica bem parecido. Eu bebi Cerveja Amanteigada e é maravilhoso. Foi uma experiência incrível!

O *Epcot* é um parque interessante também. Dizem que lá é a simulação do futuro, e havia uns lugares que continha refrigerante de diversos países. Tinha Fanta de maçã, que era da *Costa Rica*, havia coisas bem variadas. Por último, gostei bastante do *Busch Garden*, porque tem as melhores montanhas russas de todos os parques. É o parque das montanhas russas e tem uma que eu recomendo, é para quem gosta de adrenalina porque ela faz uma queda de 90 graus, é completamente divertida, mas dá medo. Tem outras montanhas russas que dão 9 loopings, é maravilhoso.

Para compras, fui no *Aventura Mall* e alguns *Outlets*. Foi muito legal porque lá entregam um cartão que contém a quantidade de promoção e descontos que cada loja dá. Então, quando você já sabe quais lojas estão em promoção, vai direto lá. É realmente bem mais barato do que qualquer loja no Brasil, são preços absurdamente baratos e as roupas têm qualidade.

A excursão que eu fui da *Happy Tour* ofereceu na programação duas festas noturnas. Uma era em homenagem aos aniversariantes de 15 anos para todos da excursão. Convidaram algumas princesas da *Disney*, a *Bela e a Fera*, o *Mickey* e a *Minnie*, entre outros personagens. Eles tiraram fotos, conversaram e dançaram com todos. Teve vários fogos na entrada e dentro do salão de festas teve boate. Também teve um jantar, os garçons passavam servindo as pessoas. Essa festa foi no Salão do *Parque da Universal* e uma coisa que eu achei interessante é que o *Globo da Universal* se abria formando uma flor e dentro, que seria o miolo, era repleto de luzes coloridas e fogos de artifício. O outro evento de que participei foi uma festa à fantasia no *Hard Rock Café*. Teve um jantar, o espaço é bastante agradável, tocou música e foi bem divertido.

Entretanto, do que mais gostei na viagem foram os parques realmente. É uma sensação muito diferente das que nós temos aqui, porque nos parques do Brasil, nós vemos que eventualmente ocorrem acidentes, e lá a segurança é máxima. De 20 em 20 minutos eles param as montanhas russas e analisam cada uma das cadeiras, certificando-se que não há nenhum problema técnico. Entretanto, as idas ao shopping foram passeios encantadores, pois a sensação de percorrer lojas com promoções e comprar produtos de qualidade com um bom preço é ótima.

Em relação à comida, notei que os habitantes comem muitos alimentos calóricos como hambúrguer, batata frita, muffin, cupcakes e refrigerantes. Percebi também que o tamanho das refeições é enorme, em comparação aos tamanhos do Brasil. Nos primeiros

dias você pode até achar bom, mas depois que vai pegando o ritmo no dia a dia, chega ao ponto que não aguenta mais porque faltam vitaminas advindas de alimentos mais saudáveis, que lá não são tão acessíveis. Eu senti falta das frutas e verduras que temos facilmente aqui, como tomate, alface, brócolis e frutas naturais, além do sabor do tempero brasileiro, o que dificilmente é encontrado em restaurantes. O suco de laranja em praticamente todos os lugares é artificial, mas o mais comum de se encontrar é Coca-Cola.

Um aspecto que faz parte da cultura americana, que percebi realmente, é a questão da alimentação desequilibrada. Por outro lado, constatei que os norte-americanos são muito honestos. Quando íamos comprar algo, não tínhamos paciência para contar o dinheiro porque formava uma fila enorme, então entregávamos todo o dinheiro que tínhamos na mão e eles devolviam o troco certinho.

Não passei por situações que me trouxessem dificuldades pelo fato de ter ido com uma excursão, e os guias terem auxiliado bastante os passageiros. O único empecilho foi pedir as comidas em inglês nos restaurantes. Eu conseguia me virar com os pratos fechados. Nos restaurantes *self-service*, não éramos nós mesmos que nos servíamos, os atendentes colocavam as comidas em nosso prato e eu precisava ficar apontando o que queria. Quando fui comer na sorveteria *Häagen-Dazs*, eles não deram a colher e o sorvete já estava derretendo. Para lembrar o nome de colher foi complicado. E como eu ia escolher a casquinha e adivinhar o sabor de pistache? (Risos).

Para comprar roupas foi tranquilo, porque não precisava se comunicar muito, mas tive dificuldade para entender os tamanhos de calçados lá, que é bem diferente do sistema do Brasil. Ou eu não entendia o valor dos produtos que ia comprar, porque alguns estavam com desconto e não sabia como calcular para entender o valor real. Outra dificuldade foi em relação às moedas, eles usam bastante e elas não são numeradas como no Brasil, o valor vem escrito. Na hora da pressa para pagar, é complicado ficar contando para dar o valor correto.

Apesar de alguns contratemplos, jamais pensei em desistir da experiência. Todos os dias tinha uma novidade e ficava ansiosa para saber o que viria no dia seguinte. É uma felicidade que não tem tamanho, é como se fosse um sonho. A cada passo que nós damos em direção à montanha russa, a ansiedade e a expectativa de ficar nas filas, todos estão muito eufóricos para ir aos brinquedos, é uma sensação incrível. As filas de lá não demoram muito porque os brinquedos possuem uma velocidade muito rápida e o parque tem uma ótima infraestrutura. Na entrada tem mapas de todos os brinquedos e você já localiza todos, você não se perde, é ótimo.

O que mais me emocionou foi a magia dos parques, porque tudo é muito mágico. Os fogos de artifício, os teatros, os personagens, é tudo muito real. Há alguns dinossauros com efeitos tão bons que parecem muito reais. Tem um brinquedo com a temática do Piratas do Caribe, em que você entra em um barco e você vai navegando em um lago, o

céu é um ambiente climatizado que dá a sensação de ser noite. É um lugar fechado, o teto tem estrelas, tem uma névoa no céu, trabalhadores feitos de cera com feições muito realistas, o detalhe dos olhos que brilham, movimento perfeitos, enfim, é um outro mundo. Então, o que realmente mais me emocionou foi o trabalho que eles tiveram de transformar a fantasia em realidade.

Sem dúvidas, eu acredito que ter ido de excursão foi a melhor escolha que poderia ter feito porque pude conhecer pessoas novas e não enfrentei dificuldades sozinha, pois sempre tem alguém do seu lado precisando das mesmas coisas que você, mas um sempre vai ajudar o outro. Há muita parceria, os guias auxiliam bastante. Então, eu recomendo ir com uma excursão porque já tem o hotel certo, as passagens, os ingressos, a programação. Você não tem o trabalho de se planejar. Eu também recomendo que se você for a *Disney* com uma excursão em que haja na programação ida aos *Shoppings* e *Outlets*, que não leve muita coisa na bagagem. Eu levei e não precisei vestir quase nada do que tinha trazido porque era necessário usar o uniforme da excursão sempre. E como lá é muito bom para comprar roupa, é melhor ir com a mala o mais vazia possível, porque tudo é muito barato e de qualidade.

Fiquei hospedada próxima ao parque, era em um hotel todo decorado com temas da *Disney*. Os quartos eram todos bem arrumados com lençóis dos personagens, os papéis de parede eram temáticos com os ambientes. Este hotel ficava em *Orlando*, mas não dentro dos parques da *Disney*. Então, nós acordávamos um pouco mais cedo, às 7 horas da manhã, para chegar ao parque às 8h. Em *Miami*, fiquei hospedada em outro hotel que ficava de frente com a praia e também tinha piscina.

Fiz amizade com todos da minha turma na excursão, e o que achei mais incrível foi ter ido em uma excursão que saiu da Bahia e ter encontrado, por coincidência, uma menina que estudava na mesma escola que eu, e morava no mesmo bairro que eu em Brasília. Ela tinha uma vida muito parecida com a minha, pois seus primos e pai moravam em Salvador, assim como meu pai e outros parentes meus. Isso foi muito legal, e depois nós nos encontramos na escola e fizemos amizade. Os amigos que eu conheci lá foram muito legais, todos éramos unidos lá.

A todo lugar que nós íamos parecia festa, porque havia fogos, e quanto mais próximo do fim da viagem, mais fogos havia nos ambiente que nós íamos. Dava muita tristeza, emocionava todos porque nós sabíamos que estava se aproximando o momento de ir embora. É muito difícil dar tchau tanto para os parques, quanto para as pessoas que nós conhecemos, os guias que nos acolhem tão bem, e eu não pude continuar mantendo o contato tão próximo com os amigos da viagem porque todos eram de Salvador, e eu não. Foi muito difícil, mas esta parte dos fogos realmente foi a que me encantou. Apesar de ser um momento de festa, parecia que era um momento como a passagem de um ano para o outro, como se tivéssemos que deixar tudo passar, para seguir a próxima etapa e ir embora.

Eu acredito que essa experiência valeu a pena e mudou minha percepção em relação a alguns aspectos. Por exemplo, aprendi a valorizar mais o quanto a comida brasileira é boa, em comparação à culinária norte-americana. Eu notei que as pessoas são bem honestas e educadas. Não há assalto, violência. Mas, por outro lado, as pessoas são muito frias, cada um tem o seu espaço, é como se cada um vivesse dentro de um cubo que ninguém pode invadir sua privacidade. Lá você vê as pessoas bem afastadas, não vê ninguém de mãos dadas, em contato físico umas com as outras, são bastante reservados. Mas aparentam ser pessoas bem maduras devido ao fato de respeitarem o patrimônio da cidade, não jogarem lixo no chão, porque a população parece que já nasce voltada para preservar o ambiente que eles vivem desde cedo. Eles são muito patriotas.

Eu gostei muito de ter este tipo de experiência de ir a outro país porque pude conhecer como é a realidade de outra cultura. Com isto, é possível se desprender do que consideramos normal e quebrar paradigmas, porque podemos ver as coisas de uma maneira mais ampla. Meus próximos planos é ir para a Austrália no futuro, porque amo animais e lá é um lugar muito bom para observá-los. Acredito que ainda vou viajar para a *Europa*. *Madagascar*, na *África*, também é uma opção. Eu tenho 16 anos, e acredito que não há idade para viajar e conhecer novas coisas. Qualquer momento de nossas vidas é propício para ver novos horizontes.

Experiências na Disney: dicas e opiniões



Na *Disney* os funcionários atendem muito bem, como se eles tivessem vontade de que a gente voltasse, porque isso é capitalismo: quanto melhor o atendimento, melhor a compra. Eles tentam entender os turistas, quando eu e meus amigos não sabíamos como dizer alguma coisa e ficávamos apontando, eles têm a maior paciência e fazem de tudo para entender. Não tem atendentes de cara feia, todos trabalham com muito boa vontade.

Como eu fui de excursão, e não com a família, tínhamos que ter uma responsabilidade muito grande, cada um tinha que cuidar do seu dinheiro e ter muito cuidado para não perder o cartão (*Visa Travell Money*). Percebi que os norte-americanos são muito honestos porque minha amiga perdeu o cartão dela no banco de um shopping e só percebeu depois. Então, nós voltamos para o local onde ela havia esquecido o cartão e quando ela voltou, tinha um velhinho sentado no banco segurando o cartão dela, tentando achar a pessoa que era dona.

Nas horas livres da programação, havia alguns passeios opcionais, eu fui a quase todos. Eram programas pagos, mas que optávamos aqui no Brasil antes do embarque. Eu fui ao show do *Blue Man*, que eu não gostei tanto, mas tem gente que gosta, e ao *Cirque du Soleil*, que achei um pouco monótono, pois os shows a que fui aqui no Brasil do *Cirque du Soleil* foram melhores, mas também as atrações lá foram bem menores por ter sido dentro do parque.

Eu fui a um show – o nome é *Medieval Times* –, que é um jantar, mas enquanto nós comíamos havia cavaleiros que ficavam lutando em cima de seus respectivos cavalos em um campo de areia enorme. Os funcionários ficavam nos servindo com coxa de frango enormes e nós comíamos com a mão, não era com talheres, igual aos tempos antigos mesmo, e isso é muito legal. Havia uma sopa que ninguém conseguiu comer porque era muito estranha, ela tinha espinafre com alguns ingredientes bem diferentes, mas a gente realmente se sentia em tempos antigos. Nas batalhas, os lutadores ficavam disputando para ver quem seria o vencedor e nós recebíamos uma coroa no início, como se fizéssemos parte. Todos torciam para ver quem iria ganhar.

Há um passeio que a empresa da minha excursão não ofereceu porque nem todos quiseram pagar, já que era a programação mais cara. É um parque temático em *Orlando* com diversos golfinhos, onde as pessoas podem nadar e ter contato direto com os animais marinhos. Os turistas podem alimentá-los, vê-los em ação em shows acrobáticos, aprender sobre seus hábitos e até descer em um *toboágua* no meio de seu habitat. É permitido passar a mão, dar comida na boca, abraçá-los e beijá-los. Os golfinhos também obedecem aos comandos dos adestradores, fazendo movimentos e emitindo diversos sons. O preço é em média 280 dólares. Apesar de não ter ido, creio que seria o melhor passeio opcional de todos.

O que foi mais valioso para mim desta experiência foram os aprendizados que tive, pois acredito que nós aprendemos muito com as pessoas de cada local os quais conhecemos. Eu acredito que podemos aprender bastante com as outras culturas nos pontos positivos. Você já volta mudado após aprender novos costumes e valores. Eu, por exemplo, não consigo mais jogar nada no chão.

Outra coisa que aprendi é que nos parques da *Disney* tudo é muito cheio, e às vezes nós andamos esbarrando nas pessoas, então uma palavra que não pode faltar no

vocabulário é Sorry! Todos se desculparam quando encostam em outra pessoa, porque eles são pessoas extremamente reservadas, aparentemente não gostam de ter contato. Notei que os norte-americanos até achavam estranho os nossos costumes, quando viam pessoas da excursão se abraçando empolgadas, pois, a meu ver, eles estão acostumados a ter uma relação sem esse contato.

Apesar de muitas pessoas não gostarem dos Estados Unidos, constatei que deveríamos nos basear em alguns valores deles, como a honestidade, a organização e a maturidade deles. Os norte-americanos são extremamente rígidos com tudo, principalmente com relação à segurança, na minha opinião, e isso é certo por um lado. O governo brasileiro poderia se espelhar em relação a esta parte da segurança, porque lá realmente é difícil encontrar pessoas desonestas que querem se aproveitar das outras. A honestidade de lá poderia ser trazida para o Brasil. Quando os estrangeiros vêm ao Brasil, os brasileiros em geral já querem passar a perna, cobrar mais caro, e lá, não. É um preço único para todos, até no táxi eles vão dizer o valor exato, justo.

Em compensação, aprendi a valorizar mais a comida brasileira, ela é única, gostosa e saudável. Ter saúde é essencial para uma pessoa viver bem. Não adianta ter dinheiro, lucros, pois sem saúde você não tem vida. Tudo parte de como você está com você mesmo. E a nossa alimentação proporciona uma qualidade de vida muito melhor do que a de muitos países, fato que confirmei nos Estados Unidos.

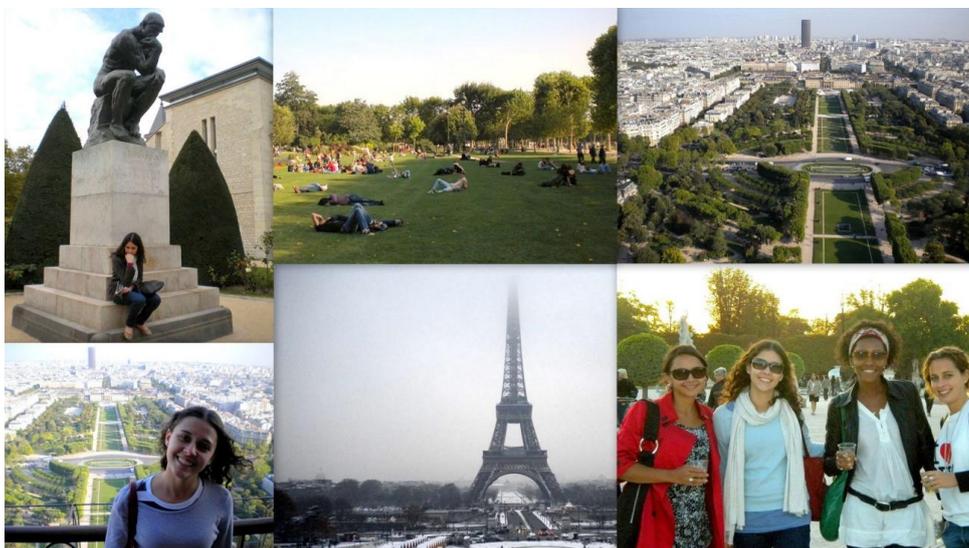
Intercâmbio/ Turismo em Paris: tudo o que você precisa saber

Denise Maria dos Santos Butruille, 22 anos.

Profissão: estudante de Ciências Contábeis na UNB e formada em Relações Internacionais pela UCB.

O que pretende: ser funcionária pública.

Países que conhece: Inglaterra e França.



Neste relato contarei sobre o intercâmbio que fiz na França, mais especificamente em Paris, durante seis meses. Foi uma experiência incrível, aprendi muitas coisas e amadureci bastante no tempo em que estive lá. Para quem deseja ir à França, eu aconselho visitar o interior do país, em especial a região do *Vale do Loire*, que é linda.

Em Paris existem muitos pontos turísticos famosos, como o *Louvre*, a *Torre Eiffel*, o *Arco do Triunfo*, o *Museu D'orsay*, o *Montmartre*, a *Igreja de Notre Dame* e a *Opera*, que são interessantes para ir. Fora desses locais, indico o Museu Rodin e o *Jardin de Luxemburg*, fazer um tour no *Bateau Mouche* e caminhar na orla do *Rio Sena*. Em diversos pontos é possível encontrar feirinhas, restaurantes, intervenções artísticas, lugar de jogos, etc.

A vida noturna parisiense é um pouco parada e eu não fui a muitos locais badalados, mas tem vários cafés na cidade, na *Champs Ellysee* tem baladas famosas, e na *rua St. Denis* tem muitos bares legais. Durante o dia também é possível fazer vários passeios. Um bom local é o *Bateau Mouche*, passear na *Orla do Sena*, fazer piquenique nos jardins e comer em cafés.

A culinária francesa é muito famosa por sua sofisticação. Os franceses em geral, comem muita batata, melão, pão, queijo, geleia e carnes exóticas, como coelho, pato, quiche, mexilhões, patê de fígado de pato, patês derivados de porco, dentre outros. Uma curiosidade cultural a respeito dos franceses é a pouca preocupação que eles tem com a limpeza. Não que sejam pouco asseados, mas de fato eles não ligam em beber água da torneira, pegar uma louça mal lavada da lavadora de louça, usar a mesma roupa por alguns dias, entre outros costumes.

Quem deseja ir a Paris, fiz uma lista com diversas recomendações que podem ser úteis a vários turistas:

* **Compras - lembrancinhas:** aconselho o *Montmartre* e a *rua St. Denis*, que fica próximo a *Igreja de Notre Dame*; **roupas de brechó:** sugiro o *Marais*, lá tem vários e vivem lotados (eu gostava de um chamado Free'p'star, que fica no número 61 da *rue de la Verrerie*, 75004 Paris, e na 8 *rue Sainte-croix de la Bretonnerie* 75004 Paris); **roupas no geral:** os principais pontos são a *Galerie Lafayette*, o *Bon Marche* e a *Printemps*, porém as lojas que estão nessas galerias costumam ser muito caras ou estarem lotadas, por isso aconselho o *Boulevard Raspail*, lá tem várias lojas e costuma estar mais vazio (para chegar é só descer na estação *Raspail* ou *Montmartre Bienvenue*); **outlets:** em Paris tem muitas, mas perto da Disney Paris tem um local onde se encontram várias; **perfumes e cosméticos:** podem ser encontrados nas galerias citadas acima, mas costumam ser vendidos a preços mais altos. Por isso, sugiro a *Sephora* ou numa loja chamada *Le Parfum de l'Opera* (3 *rue Helder* 75009 Paris – metro *Opera*), eles vendem a preço de *Dutty Free* e muitas atendentes falam português; **utilidades:** a “25 de março francesa” fica no *Montmartre*, próxima a estação *Abbesses* e da *Barbès Rochechouart*, só é preciso tomar cuidado, pois o bairro é perigoso.

* **Restaurantes:** em geral são caros, mas quando for, sempre peça o prato do dia (*plat du jour*), porque os alimentos estão frescos e normalmente não tem os outros pratos do menu. Para beber, aconselho a pedir uma taça de vinho ou uma água da torneira, que é de graça. O refrigerante é caro e o suco costuma ter só os artificiais de laranja (muitos são amargos). Caso queira algo parecido com a nossa comida, aconselho a ir a um restaurante chinês, que além de mais barato, pode comprar por pratos. Dessa forma, tem a opção de escolher o que quer e às vezes tem promoções. Exemplo: 2 guarnições + 2 rolinhos primavera + sobremesa = 7 Euros. O legal é que pode pedir para viagem e ir comer em algum parque.

* **Transporte público:** Paris oferece diversas opções de transporte com qualidade. Há as opções de trem, metrô, bicicleta e ônibus. O metrô tem em todos os lugares e é muito prático, mas é bom pegar um mapa das linhas e itinerários na estação, pois pode ser um pouco confuso para quem não está acostumado. Ele possui 14 linhas e a linha 9, 1 e 2 sempre estão cheias. O ônibus é uma boa opção para ver os pontos turísticos, além de ser muito limpo, tem para todos os lugares e passa sempre. Nas estações há o mapa (vem no mapa o metrô, informações sobre o ônibus e o RER), porém tem que ter atenção na hora de comprar a passagem, porque a cidade é dividida em áreas e cada uma tem um preço. Deve-se comprar o bilhete adulto, que é mais caro. A outra opção é só para crianças ou estudantes. Também é necessário observar as paradas atentamente, pois cada uma corresponde a ônibus para locais diferentes. Tem também a opção dos ônibus de turismo, os quais passam por pontos turísticos. E tem os *vélis*, que são bicicletas. Paga-se uma tarifa no terminal e pode utilizá-la durante 30 minutos, depois é só deixá-la nos lugares indicados. Porém, muitas vezes o local mais próximo para deixar a bicicleta já está lotado e deve-se procurar outro.

* **Banco:** para sacar ou trocar o dinheiro, a melhor opção é ir ao caixa dos bancos e sacar. Normalmente eles se localizam na parte externa da rua ou próximos aos correios. Lá é tudo na base do cartão de crédito e, para utilizá-lo, os atendentes pedem para assinar a nota fiscal.

* **Segurança:** recomendo se prevenir, evitando passar por alguns lugares que são perigosos: localizados no 17º, 16º e 18º *arrondissements*. Durante o meu intercâmbio, não tive muitas dificuldades, mas senti falta do jeito receptivo, do calor do povo brasileiro a que estou acostumada, pois os franceses são pessoas mais frias, dificilmente se entrosam, são extremamente pontuais e responsáveis, bem diferentes do povo brasileiro. Então, se você não conhece muita gente lá, acaba ficando um pouco só. Mas em nenhum momento pensei em desistir da experiência. Apesar de sentir falta do Brasil, sabia que era uma experiência única e logo iria acabar. Além de tudo, me encantei com a beleza das cidades.

Eu morei em um bairro muito bom de Paris, chamado de *Boulogne Billancourt*, na casa de um tio-avô paterno, e estudei na *Aliança Francesa*. Lá fiz algumas amizades, mas não mantive muito contato. No entanto, por ter família lá, me aproximei de muitas primas. Nas horas livres eu costumava ir a cafés, ao cinema, aos jardins e visitava pontos turísticos. O que mais me marcou foi observar a simplicidade com que os franceses levam a vida. Além disso, fui muito bem acolhida pelos residentes locais. As pessoas que conheci contribuíram para meu aprendizado. Todos com quem tive contato lá me ensinaram algo que vou levar comigo sempre.

Concluí que esta experiência valeu muito a pena e modificou a forma como encaro as coisas. Acredito que cresci como pessoa e amadureci com esta vivência, pois gosto de conviver com diferentes culturas e tenho curiosidade em buscar novos aprendizados. Esta viagem me possibilitou algumas lições. A mais importante foi conhecer o novo e não ter medo disso, mas sempre pensando na minha segurança pessoal. Também aprendi a ter paciência com os demais e não ter frescuras com o que não conheço.

Após essa vivência, pude ter parâmetros para analisar meu próprio país, e na minha opinião o Brasil é um país incrível, mas precisa melhorar a infraestrutura e fornecer mais segurança aos turistas. Entretanto, há aspectos de que me orgulho, que são únicos do nosso povo, que é a alegria e a receptividade do brasileiro, mas poderíamos mudar a cultura de corrupção e do deixar para depois.

Para obter mais informações sobre Paris, escrevi um blog com várias curiosidades, que podem ser encontradas nos seguintes endereços:

<http://nemmeligue.blogspot.com/2009/12/guia-de-sobrevivencia-frances-i.html>

<http://nemmeligue.blogspot.com/2009/07/diario-de-um-viajante-parte-iv.html>

<http://nemmeligue.blogspot.com/2009/08/diario-de-um-viajante-vi.html>

<http://nemmeligue.blogspot.com/2009/08/diario-de-um-viajante-parte-vii.html>

Destino: África; Experiências em Zâmbia

Fabíola Góis.

Profissão: jornalista; estudante de pós-graduação em Marketing Digital.

Países que conhece: Argentina, Timor Leste, Zâmbia, Botsuana e Colômbia.



Viajar é sempre uma experiência prazerosa e gratificante. Conhecer outras pessoas, lugares e paisagens nos deixa mais leves, alegres e divertidos. Fora o Timor Leste, onde fui a trabalho quando era repórter do *Correio Braziliense*, aos demais países eu fui a turismo. Na África, fui para Botsuana e Zâmbia. Fiquei hospedada em hotéis na maior parte dos países que visitei, apenas em Zâmbia fiquei na casa do meu marido, meu noivo na época, que viveu lá por três anos.

Gostei muito de ter conhecido a África. Um local que me encantei com a beleza foi na fronteira com Zimbábue, a *Victoria Falls*, uma das maiores cachoeiras do mundo. Fica em *Livingstone*, a seis horas de Lusaka, capital da Zâmbia. Também é possível fazer vários passeios na região, como safaris. Tive a oportunidade de fazer safari em terra e pela água, duas excelentes opções para ver bem de perto os animais exóticos da África, tanto os que vivem no território, a exemplo de girafas e leões, como os que têm hábitos de viver perto ou dentro da água, como crocodilos e hipopótamos. Também em Zâmbia, pude fazer safari em cima de um elefante, o que foi uma aventura, porque os elefantes africanos são ariscos. Mas conseguimos um local onde eles domesticam os animais e fazem passeios com os turistas, para mostrar as belezas naturais do continente africano. Em Bostuana, visitei o *Chobi Park*, onde existe a maior manada de elefantes do mundo.

Um bom local para compras é *Livingstone*, a capital da província do Sul, em Zâmbia. Lá há uma feira de artesanatos com objetos típicos da região. É possível comprar desde esculturas, bijuterias, até artigos para casa. Para sair à noite em *Lusaka*, a capital, há poucas opções de boates que ficam abertas durante a madrugada. No entanto, há boas opções de restaurantes de comidas internacionais. A comida típica da Zâmbia é *Ichima*. Consiste em uma mistura de massa de milho que os habitantes comem com algum acompanhamento, como carnes de boi ou porco, sempre com molho, e uma folha refogada, como couve ou repolho. Este prato é feito para comer sem talheres. Em geral, na África, come-se com muita frequência com a mão.

Na África, os hábitos são bastante diferentes. Chamou-me a atenção a forma como as mulheres carregam seus filhos pequenos. Elas amarram os bebês nas costas ou no colo, de uma forma bastante firme e acolhedora. Os africanos são amáveis e simpáticos, e gostam bastante dos brasileiros, citando sempre nomes de jogadores de futebol da seleção brasileira, como *Neymar* e *Kaká*.

A minha principal dificuldade foi com o idioma. Apesar de falar inglês fluentemente, tive bastante dificuldade de entender o inglês dos zambianos por causa do acento. Eles falam o inglês britânico de uma forma muito particular.

Passei por uma situação complicada quando precisei tomar um táxi e tive que explicar ao motorista o destino ao qual eu queria que ele me levasse. Porém, nunca pensei em desistir de nenhuma experiência. Os pontos negativos existem em qualquer lugar ou situação. Fui três vezes a Zâmbia, e me adaptei depois ao inglês que eles falam, com sotaque.

O que eu mais fazia para conhecer melhor o local era andar pelas ruas despreziosamente. Em todos os lugares em que estive, fiz amizades e fui bem acolhida pela população local. A experiência de ter visitado a África me trouxe grande crescimento pessoal, porque a cultura é muito diferente da nossa. As vestes tradicionais são únicas e a forma como se alimentam também.

Algo que me impactou na Zâmbia foi perceber que a fome lá é ainda mais agressiva que no Brasil. Ao viajar pelas rodovias, pude encontrar várias crianças subnutridas pedindo comida. A população é muito carente. Sem falar que muitas crianças são órfãs, porque o índice de aids atinge mais de 30% da população. Ter conhecido a realidade de um povo tão sofrido me fez pensar na vida que levamos e em como o Brasil tem se desenvolvido.

Apesar da Zâmbia não ser um país muito procurado por turistas brasileiros, para quem deseja conhecer o local, a minha recomendação é pesquisar bastante na internet sobre os parques onde é possível fazer safari. Na capital, *Lusaka*, há uma boa rede hoteleira, mas poucas opções de lazer. Portanto, minha recomendação é ficar em *Livingstone*.

De cada viagem, é possível retirar aprendizados que podem mudar a maneira de encarar as situações. Além dos lugares, pode-se conhecer novas pessoas, e essa vivência, na minha opinião, é bastante enriquecedora. O que mais me marcou nas viagens que fiz foi poder observar como o mundo é grande e como há culturas diversas das nossas.

Por exemplo, na minha viagem para o Timor Leste, um aspecto cultural que me chamou atenção foram as homenagens prestadas, feitas por meio de uma reverência, e entrega de uma lembrança, geralmente um pano parecido com uma echarpe, feita por um tear, com cores vibrantes.

Gosto muito de conhecer e conviver com pessoas e costumes diferentes. Como sou jornalista, sou curiosa por natureza. É muito bom ver de perto como vivem pessoas em continentes tão diferentes do nosso. A próxima viagem deverá ser para a Europa, onde ainda não tive a oportunidade de estar.

As viagens que fiz me proporcionaram enxergar o quanto o Brasil ainda precisa melhorar em relação ao preparo turístico. Na minha visita a Colômbia e Argentina, notei o quanto os funcionários da área de serviço são profissionais no atendimento, inclusive já arriscam algumas palavras em português, tamanha é a frequência de brasileiros nesses países. Aqui poderiam ensinar espanhol instrumental para quem atende turistas.

Por outro lado, o carisma que nós brasileiros temos, e a forma respeitosa como tratamos os estrangeiros são aspectos de que me orgulho. No entanto, gostaria que mudássemos o amadorismo. Precisamos levar a sério o turismo, principalmente agora que o Brasil é a sexta economia do mundo e vai atrair cada vez mais estrangeiros.

Intercâmbio em Vancouver - Canadá

Guilherme Lisboa, 21 anos.

Profissão: estudante

O que pretende: trabalhar na área de desenvolvimento de software.

Países que conhece: Estados Unidos, Canadá e Argentina.



Contarei da minha última experiência no Canadá. Fiz um intercâmbio de estudos em Vancouver durante dois meses. É difícil descrever um país, devido ao fato de ter uma cultura totalmente diferente, então acaba que o mais excitante é o sentimento de estar

em um lugar novo, com pessoas de diferentes hábitos, mas acredito que o que difere a experiência de cada pessoa é o psicológico, como você encara a aventura.

O Canadá é um país muito grande, então não posso falar em um contexto geral. O local que eu estive foi na Costa Oeste, e lá conheci lugares muito bonitos. O que mais recomendo para turismo é a geleira que tem por lá. Eles chamam o lugar de *Glacier Fields*. Por mais que pareça ser só gelo, a paisagem é muito bonita, além de ser algo que não temos aqui, então é uma experiência rara para quem mora em um país tropical.

Também existem outros lugares maravilhosos que eu recomendo, como a própria cidade de *Vancouver*, *Grouse Mountain*, *Lake Louise*, o passeio pela área montanhosa em geral, e para quem gosta de praia, tem *Tofino*, que fica perto de *Vancouver*, com algumas praias medianas e próximas a um local com fontes termais.

Para compras, sem dúvida a melhor opção são os *outlets*. O preço dos produtos em *Vancouver* é muito melhor do que o que pagamos aqui no Brasil, mas nos *outlets* é melhor ainda. Se for em uma época oportuna, é possível encontrar produtos com cerca de 70 a 80% de desconto.

Vancouver é uma cidade jovem, então a vida noturna é bem agitada, mas em questão de lugares para sair à noite, acho que depende do estilo da pessoa. Na época em que estive lá, fui a vários bares e pubs. Os mais organizados eram um pouco mais caros do que os mais comuns, então acho que depende do estilo e gosto da pessoa.

Dos passeios que fiz, os que mais valeram a pena foram o tour pelas montanhas, a trilha da *Grouse Mountain* e a ida ao *Glacier Fields*. Mas existem vários outros locais para conhecer, desde ir à cidade cultural até descer rios em um bote.

Em geral, não me recordo de ter comido nenhuma comida típica canadense, porque lá é um local multicultural, que recebe a influência de diversas outras culturas, como a estadunidense, inglesa e francesa, então acaba que é a culinária reflete aspectos desses países. Um ponto da cultura canadense que me chamou atenção foi o estilo de vida que os habitantes levam, eles seguem as leis à risca, assim como nos Estados Unidos e outros países. Mas parece uma forma mais natural, uma mente mais aberta, sem preconceito com estrangeiros, e em geral eles são muito educados, tanto a ponto de serem motivo de piadas.

Uma situação complicada que passei foi quando eu estava no meu segundo dia de aula, e ao ir para uma loja de conveniências perto da escola, chamada *7-Eleven*, que é uma rede bem comum lá, fui comprar um cartão de transporte, e o atendente parecia ser chinês, então o inglês era um pouco mais “acelerado”, só que a cidade é dividida em áreas, e eu não sabia qual era a minha, então tentei perguntar a respeito, mas ele parecia estar com pressa e ficou reclamando. Saí da fila e um amigo que sabia a informação me explicou, e no fim deu tudo certo. Apesar desta dificuldade, não pensei em desistir momento algum. Por mais que eu estivesse sozinho, busquei a melhor forma de

aproveitar, sem pensar em voltar. Pelo contrário, no final da viagem deu até vontade de ficar mais.

O que mais me emocionou durante esta experiência de viver dois meses em outro país foi o fato de poder conviver com pessoas de uma cultura diferente da qual eu estou habituado. As recomendações que sugiro para quem deseja ir ao Canadá, de uma forma geral, é primeiro conhecer o lugar, andar pela cidade para se habituar com o ambiente. Eu andei todo o centro da cidade a pé no meu primeiro dia, foi uma espécie de “reconhecimento do local”. Uma dica muito importante quanto ao que não fazer, o primeiro item da lista é não desobedecer às leis, por mais que tenham coisas com as quais você não concorda, e pareçam bobas, como fazer uma piada de terrorismo. Isso pode te botar em uma boa encrenca. Então, quando ouvir o “*ei*” de um policial, aconselho a ouvir e obedecer direitinho.

Quanto a locais, o centro da cidade tem quase tudo que precisa para se virar (comida, cinema, bares, shoppings), então depois do “reconhecimento” do local, é bom correr para a loja de conveniências *7-Eleven* e comprar seu passe de transporte, que serve para ônibus, metrô e balsa. Fora isso, qualquer dúvida é só perguntar. Os funcionários dos hotéis são bem informados e os habitantes, em geral, são bem receptivos.

Durante meu intercâmbio, eu fiquei hospedado em uma espécie de hotel para estudantes, que tinha tanto hóspedes normais quanto outros estudantes, mas só o quarto era individual. O banheiro e a cozinha eram coletivos. Durante o intercâmbio, fiz muitos amigos e de várias nacionalidades. Acho que é desperdício ir a uma viagem como essa e não se enturmar. Assim, penso que como busquei esta experiência para curtir e conhecer outro local e pessoas, se eu ficasse no meu canto sozinho, não iria aproveitar nada. Então, fiz exatamente o contrário!

A população em geral é composta de muitos imigrantes, então eu diria que é impossível terem preconceito. É lógico, sempre tem um ou outro que quer implicar, mas a maioria dos habitantes respeita todos. Encontrar pessoas preconceituosas e implicantes lá é bem raro; é como tentar achar uma agulha no palheiro. Acredito que conhecer pessoas de diferentes culturas sempre contribui com o amadurecimento pessoal, desde que a pessoa esteja aberta a entender a forma deles de pensarem. Desta forma, é possível ver coisas que antes não eram percebidas, porque não eram comuns para você.

Nas horas livres, procurei sempre variar a programação. Tive a sorte de pegar aula com uma professora que era uma excelente pessoa, e a turma era muito tranquila, então nos enturmamos rápido. Na maioria das vezes, depois das aulas, eu e os amigos que fiz íamos para algum lugar conversar ou rodar e conhecer a cidade. Nos finais de semana, fui a passeios mais longos, a cidades vizinhas, ou fazer trilha na montanha que tinha lá perto.

O que mais me marcou foi a questão de que fazia amigos diferentes todas as semanas. Alguns deles, sei que dificilmente os verei novamente. Por mais que tenha convivido com eles somente por dois meses, com algumas pessoas realmente fiz uma grande amizade e gostaria de conviver mais com elas, mas cada um tem que seguir seu caminho.

Uma coisa de que eu não tinha a mínima ideia é o respeito que os canadenses têm pelos indígenas. Eles os chamam de “primeiras nações” e apreciam bastante a cultura desses povos. Outro aspecto é que boa parte do povo tem afeição pela rainha da Inglaterra. Algumas moedas têm a face da rainha nelas, mesmo não tendo o Canadá relação com a realeza inglesa.

Por fim, acredito que esta experiência valeu muito a pena. Pude aprender coisas novas; mesmo que algumas tenham sido a respeito do que eu já sabia ou conhecia, foram feitas de forma distintas, então agora consigo encarar a mesma situação de diferentes formas. Diria que gosto de conhecer pessoas de diferentes culturas, por buscar entender como elas pensam e fazem as coisas, para posteriormente eu entender e perceber novas coisas que até então não percebia.

Se possível, gostaria de voltar para o Canadá e terminar minha graduação lá, mas provavelmente isto não acontecerá. Além disso, meus planos para a próxima viagem terão que esperar bastante, mas tenho vontade de conhecer no futuro o Japão, Alaska ou Austrália.

Após esta vivência, acredito que podemos melhorar muito no Brasil. Por mais que haja o problema da corrupção política, o primeiro passo é buscar aprender com os outros países a obedecer às regras. Depois disso, podemos pensar em dar atenção a saúde, educação e segurança. Por outro lado, o que se destaca no brasileiro em geral é a criatividade, a capacidade de solucionar alguns problemas de uma forma diferente do padrão.

O que eu gostaria que mudasse é a forma de buscar fazer algo que não deveria ser feito, respeitando as regras. Deixar de lado o dito “jeitinho brasileiro” em muitas situações, que não trazem benefícios duradouros.

Curiosidades sobre a Alemanha

Isabela Kuiaski Corsatto, 25 anos.

Profissão: estudante.

O que pretende: ser funcionária pública.

Países que conhece: Alemanha, França, Itália, Áustria, República Tcheca, Hungria, Rússia, Suécia, Dinamarca, Islândia, Estados Unidos e Argentina.

Tive a oportunidade de ter conhecido muitos países, mas relatarei a respeito do intercâmbio que fiz na Alemanha.



Foi uma experiência maravilhosa, pois aprendi outra língua (alemão) e vivi outra cultura. Também pude me virar sozinha e vencer a timidez para conhecer novas pessoas. Recomendo aos turistas que desejam conhecer outros países, que aprendam um pouco da língua antes de ir e estudem a história do país, a tradição, além de procurar se informar bastante sobre o lugar para onde irá e levar sempre um dicionário.

Na Alemanha, há muitos lugares que eu recomendo visitar, pois o país tem muitas cidades lindas e cheias de histórias, mas Berlim é um local que todos que vão à Alemanha deveriam conhecer. Vale a pena também conhecer outros locais da Europa, já que são próximos uns dos outros, mas um que me chamou a atenção em particular foi a Islândia. O país é lindo e bem diferente do que conhecemos no Brasil. Acho que é uma ótima viagem para se fazer, tanto no inverno quanto no verão. O prato típico da cidade que vivi era batata assada e frita com salsichão.

No período que morei na Alemanha, não comprei muitas coisas, pois preferia visitar lugares e comer, mas tanto lá como em outros lugares da Europa há muitas lojas de departamento que são mais em conta para compras. Para sair à noite há diversas opções, como teatros, bares e cafés. Durante o dia também há vários locais para conhecer. Eu gostei muito dos parques da Alemanha, além dos pontos turísticos obrigatórios para conhecer de cada cidade. Gostava muito de viajar de trem de uma cidade para outra, para assim ver a paisagem e observar um pouco do dia a dia dos moradores de cada local.

Um aspecto da cultura que me chamou a atenção de lá é a pontualidade não só das pessoas, como dos trens, ônibus e da organização social em geral. Por não estar habituada com esses costumes, passei por uma situação complicada em um dia que precisei pegar um trem sozinha para outra cidade e, por poucos minutos de atraso, acabei perdendo o trem. Eu não sabia ver no painel quando o próximo iria passar. Por ainda ter dificuldade com o alemão, perguntei a uma funcionária da estação se ela falava inglês (*Sprechen Sie English?*), pois era a língua que eu falava melhor até aquele momento. A funcionária foi muito grossa e me respondeu que estávamos na Alemanha, por isso só devíamos falar alemão.

Fiquei chateada e comecei a pensar que os alemães eram realmente grossos e frios, como eles são conhecidos. Porém, uma moça alemã viu o que aconteceu e me falou em inglês que essa senhora não havia sido gentil comigo e perguntou do que eu precisava. Expliquei a situação e ela me informou o horário do trem, também disse que iria pegar o mesmo trem que eu. Conversamos muito, ela me perguntou sobre o Brasil e contou que tinha muita curiosidade de conhecer o meu país.

Confesso que, no começo do intercâmbio, pensei algumas vezes em voltar, porque não conhecia ninguém e tinha dificuldade de falar com as pessoas. Morei com três famílias. A primeira, numa cidade de 5 mil habitantes chamada *Stadtoldendorf*, e as outras duas na cidade chamada *Holzminden*, que tinha 21 mil habitantes. Notei que a primeira família não estava muito interessada em saber da minha cultura. Eu achava que me tratavam com indiferença. Eles chegaram ao ponto de me perguntar se eu sabia o que era um celular e se eu conhecia *McDonald's*. Este fato e outros motivos me fizeram pensar em desistir, mas eu mudei para a segunda família e tudo melhorou. O novo lar era muito acolhedor e eles fizeram com que eu me sentisse muito à vontade e feliz. Conheci uma terceira família e foi muito bom também.

Uma semana antes de voltar para o Brasil, minha segunda família fez uma festa surpresa pra mim. Chamaram-me para um lanche e, quando cheguei, havia muitas pessoas da escola e outros conhecidos. Fiquei muito emocionada. A família me entregou um pacote com 365 cartas, escritas por várias pessoas que eu conheci naquele ano e que era para eu ler uma por dia, durante um ano. Fiquei muito feliz!

Lá fiz alguns amigos, mas foi difícil porque sou tímida, ainda mais em outro país. Mas depois de um tempo, fiz amizades lindas e tenho contato até hoje. Também fui bem acolhida pela população local. A maioria das pessoas tinha vontade de saber sobre onde eu vinha, mas em geral não conheciam muito sobre o Brasil. Nas horas livres do estudo, geralmente eu saía para conhecer as lojas e os restaurantes. Adorava a comida de lá, principalmente os doces. Em períodos livres mais longos, saía de trem para conhecer cidades próximas.

Constatei que os alemães não são frios como muitos falam. Eles apenas demoram mais para fazer amizade, mas quando fazem são muito fiéis e amigos. Os estudantes são bastante dedicados. Eles se preocupam muito com o futuro profissional, pelo menos no *Gymnasium*, que foi onde estudei (compatível com o ensino médio daqui). Os alunos levantam a mão para pedir permissão para falar com o professor, pois há um respeito muito grande aos docentes. Senti que isso no Brasil já se perdeu, pelo menos em relação ao que percebi nos meus últimos anos do ensino médio. Na Alemanha, o sistema de ensino é diferente daqui. A primeira fase é o *Kindergarten* (jardim de infância), depois tem o *Grundschule* (ensino fundamental) e o *Grundschule*, em que há três opções de ensino secundário, que dependem das notas que o aluno tirou e da avaliação dos professores: *Hauptschule*, *Realschule* e *Gymnasium*, neste último os alunos precisam fazer uma prova chamada *Abitur* para ingressarem na faculdade.

Enfim, o intercambio valeu a pena. Recordarei o carinho de alguns amigos e das minhas duas últimas famílias. Com esta experiência, aprendi a ser mais paciente, aproveitar mais as oportunidades e agradecer por tudo que eu tenho. Ainda pretendo conhecer ainda muitos países e diversas culturas. Também tenho planos de visitar a Ásia e morar no Canadá.

Em relação ao que penso sobre o Brasil, valorizo nossa hospitalidade com as pessoas de outros países. Em geral, temos curiosidade de aprender sobre novas culturas. O que acho que deveria mudar é o "jeitinho brasileiro", pois aceitamos ou achamos normal algumas coisas que os alemães não aceitariam de jeito nenhum. Por exemplo, atrasar em compromissos, furar fila, atravessar com o carro no sinal vermelho. Damos desculpas para quase tudo e não mudamos algumas atitudes. Acho que poderíamos pegar o exemplo de pontualidade dos alemães e muitas coisas iriam melhorar.

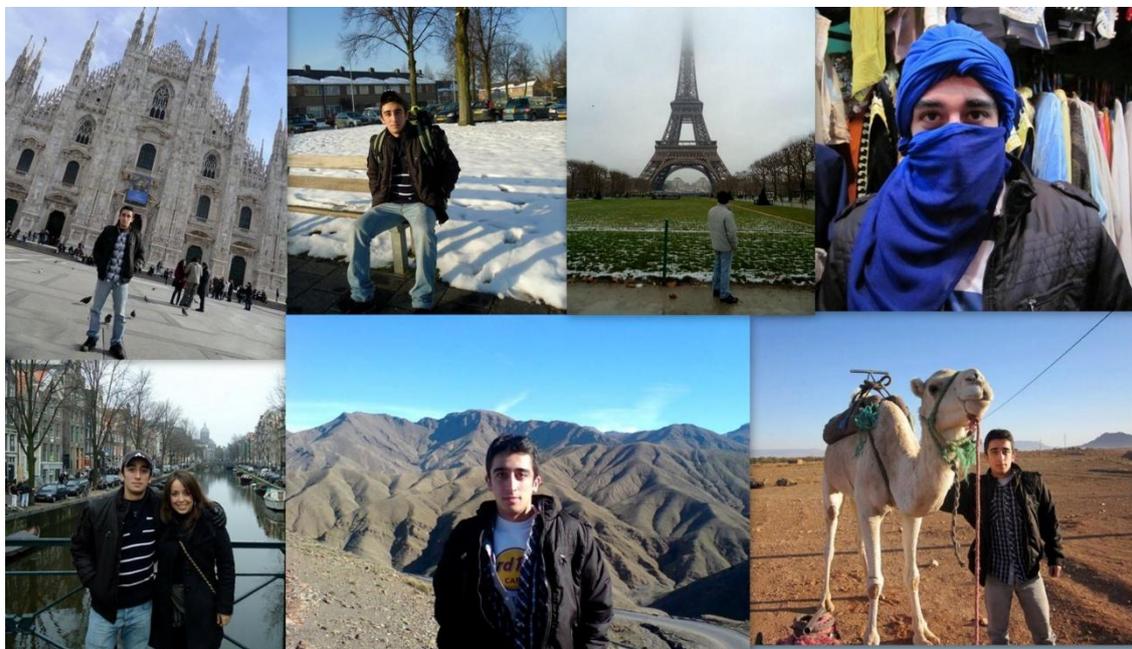
Intercâmbio na Universidade de Porto e viagem pela Europa

Leandro Guedes, 23 anos.

Profissão: Estudante de Ciência da Computação.

O que pretende: Fazer mestrado ou trabalhar na área.

Países que conhece: Alemanha, Argentina, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Itália (Vaticano), Marrocos, Paraguai, Portugal, República Tcheca e Uruguai.



Participei de um programa de intercâmbio para dar continuidade aos meus estudos de graduação em um país da Europa, assim optei por estudar na Universidade de Porto em Portugal. O programa durou no total seis meses e a experiência de ter morado em outro país, durante este tempo, foi sensacional, a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

No começo eu não tinha muita expectativa, mas chegando lá eu me encantei com o país, com as pessoas e com os lugares. Tudo era novo naquele ambiente para mim. Tive a oportunidade de sair da zona de conforto e conseqüentemente amadureci como ser humano, em uma experiência única.

Conviver com diferentes culturas em um outro país, foi uma experiência desafiadora, mas em momento algum pensei em desistir. Eu cheguei lá, era o que eu queria. Na realidade eu não queria era voltar, porque aquilo estava sendo tão bom que eu não queria que acabasse. Nas horas livres, eu ia para o parque, praia e achava tudo incrível, queria aproveitar ao máximo. Eu viajei bastante também, então tudo que pude aproveitar eu aproveitei. Os lugares que eu recomendo visitar são vários, pois eu tive e pude conhecer muitos países na Europa. Todas as cidades são belíssimas: *Bruxelas* (Bélgica), *Amsterdã* (Holanda), *Madrid* e *Barcelona* (Espanha), além de *Porto* (Portugal), onde morei. Lá é uma cidade incrível, onde tive muito prazer em morar. É um lugar que eu passaria a vida toda e as férias também.

Para compras, na Europa tem de tudo. Todos os produtos são de bastante qualidade, como roupas, sapatos, acessórios, entre outros. Então, não se encontra coisas mal feitas, ou camelôs/ vendedores ambulantes como aqui no Brasil. Há diversas opções, desde a lojinha da esquina, como shoppings e lojas de grandes marcas mais elitizadas.

Em relação aos passeios em Porto, há a *Ponte da Arrábida*, que separa o *Rio Douro* da Cidade do Porto e liga a *Vila Nova de Gaia*. Esta ponte é o melhor lugar turístico, onde todos vão para tirar fotos. É um lugar realmente lindo, com vários bares e comércio ao redor, ideal para ir comer francesinha, que é a comida típico de Porto. Este prato é como um hambúrguer: contém um bife de carne, queijo, presunto, pão e um molho especial, que é bem apimentado. É muito gostoso, mas é bem calórico e viciante também, além de caro, comparado ao preço de um hambúrguer normal.

A vida noturna que vivenciei foi bastante agitada. Como fui em um programa de intercâmbio estudantil, eu e meus amigos tínhamos o cartão *Erasmus*, com este nós podíamos ir a todas as festas com desconto ou íamos para a "*Festa do Dia*", na qual a entrada era de graça e ainda ganhávamos uma dose de bebida (*Shot*). Então, saía a um preço muito baixo, mais do que em qualquer lugar no Brasil. Além disso, as festas eram muito boas, cheias de estudantes intercambistas. Em Porto, há um local só para festas brasileiras, além de diversos bares e boates. As bebidas são muito baratas, como chope, copo de cerveja, vinho do Porto, entre outras.

Notei que, apesar de falar o mesmo idioma, que é o português, há uma diferença gigantesca entre o modo como falamos no Brasil e como é falado em Portugal. Além disso, constatei que no Brasil não conhecemos praticamente nada sobre os portugueses e eles pelo contrário, conhecem bastante sobre a nossa cultura, devido a influência da mídia, as TVs oferecem na programação novelas brasileiras e nas rádios também passam músicas do Brasil. Então, a presença do nosso país em Portugal é muito grande,

ao passo que a presença portuguesa no Brasil é muito pequena. Foi muito interessante perceber o quanto eles conhecem a respeito do Brasil, eu fiquei orgulhoso pelos portugueses saberem aspectos culturais brasileiros com tanta naturalidade e facilidade, porém a recíproca não é verdadeira em relação ao conhecimento precário que temos sobre eles. Um fato que admirei lá também foi relacionado à educação da população, porque a maioria das pessoas são solícitas e ajudam bastante, então você não passa aperto na rua ao pedir informação, porque alguém sempre está disposto a auxiliar. Achei isso bem legal.

Os pontos negativos foram muito pequenos em comparação com os bons momentos que tive. O único fato que realmente me incomodou foi a burocracia portuguesa. Então, para tirar o cartão de morador, eu tive que ir várias vezes ao *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF*, enfrentar fila, entregar a documentação e às vezes precisava voltar ao local porque havia faltado alguma coisa. Este transtorno foi bem chato, nada que não aconteça no Brasil também, mas, tratando-se de um país desenvolvido, eu esperava que as coisas funcionassem mais rapidamente em Portugal.

Outro aspecto emblemático que percebi, é que os portugueses são por um lado, bastante receptivos e ao mesmo tempo alguns são mais ignorantes em alguns aspectos, como por exemplo, tratar a mulher brasileira de maneira estereotipada, relacionando-a com a prostituição, algumas ignorâncias desse tipo normalmente são mais comuns para pessoas mais idosas. Entretanto, os jovens são mais bem informados, a maioria é composta por estudantes, intelectuais, em geral eles são mais cultos e gentis. Além disso, praticamente todos falam inglês, o que não ocorre na Espanha, por exemplo, que é um país ao lado.

Em contrapartida, me emocionei com vários fatores, como o dia a dia no país, a vista que eu tinha quando saía para caminhar, correr pela cidade à beira do mar ou à beira do rio, tudo isso para mim foi incrível. Eu estava em um lugar novo e ao mesmo tempo era como se aquele lugar fosse a minha casa, um lugar que eu sempre quis estar. Além disso, fui muito bem acolhido pela população local. No meu primeiro dia de aula, eu estava perdido e meus colegas me ajudaram a encontrar a classe, me explicaram sobre as aulas, os professores, como eu deveria proceder, como era o esquema de presenças lá, enfim, não sabia de nada. Depois eu fui me acostumando ao ritmo. Eu conheci colegas sensacionais lá.

Entre as recomendações que sugiro para quem deseja viajar pela Europa, a primeira de todas é: procurar na internet o máximo de informações a respeito do local; é importante pesquisar também onde você vai morar ou se hospedar, uma dica é seguir grupos no Facebook que ofereçam estas informações. Além disso, recomendo conhecer as histórias e referências de pessoas que já foram ao local ao qual você deseja ir, há muitos blogs, vídeos, enfim, isso é de suma importância. Estes relatos não se encontram em livros, não estará no próprio site do país, ou seja, estas dicas específicas você só encontrará em vias alternativas, nas publicações de pessoas que já foram e saberão

como é esta experiência. Por fim, sugiro verificar quais regiões são ideais para ir ou ficar, e as que não são; além de informações como trânsito, sistema de transporte, cartão do metrô, todas essas coisas.

O lugar em que fiquei hospedado, foi no alojamento da Universidade e era preciso pagar uma taxa de 130 € (a propina que eles chamam), era um quarto duplo, ou seja, com duas camas no quarto, um banheiro, e um closet, tinha frigobar e mesas de estudo. Foi tranquilo conviver com o meu colega de quarto. A maior parte do tempo eu passava fora e quando eu retornava a residência estudantil, havia vários estrangeiros que frequentavam ou residiam lá. Esta experiência foi muito boa. Eu me comuniquéi lá mais em inglês do que em português. O intercâmbio me proporcionou fazer amizade com pessoas do mundo inteiro: Grécia, Espanha, Itália, Lituânia, Bélgica, entre outros países. Mantenho contato com eles através do *Facebook* e trocamos informações, eu gosto muito deste contato multicultural. O que eu mais aprecio hoje em dia é saber que o mundo não tem barreiras e que tudo é possível.

Meus amigos contribuíram demais para minha evolução. Dentre todas as pessoas que tive contato, à medida que os estrangeiros estavam lá, eu falava em inglês e aperfeiçoava o idioma, com os portugueses eu estava melhorando o sotaque diferente no dialeto e estava aprendendo muito sobre cursos e maneiras diferentes de se aprender computação mundo afora. Eu gosto muito de conviver com outras culturas. Desde que eu voltei ao Brasil, participei da *AIESEC* que é o maior grupo de jovens universitários do mundo. Então, eu pretendo continuar nessa linha multicultural, conhecer pessoas de diversos países, aprender novas línguas, acho isso o máximo. Esta minha característica foi totalmente aguçada pelo intercâmbio e me fez prosseguir com estas escolhas que até então estavam só no papel.

A experiência valeu muito a pena, mudou muito o modo como eu encaro as coisas, porque eu acho que depois de tudo que aconteceu, eu não voltei o mesmo. Ninguém volta o mesmo depois de um intercâmbio, seja no aspecto micro ou macro. Esta experiência foi enriquecedora pelos aprendizados que tive, como me virar sozinho, conhecer novas pessoas e fazer de um lugar diferente minha nova casa, foi incrível, todos deveriam passar por isso. Eu acredito que realmente a palavra intercâmbio é uma troca. Então esta troca de vivência, esta troca de aprendizado é o que mais vale para toda a vida.

No momento, eu não tenho planos concretos de fazer novas viagens, mas eu tenho muito interesse, essa virou minha meta de vida agora, que é conhecer todo o mundo, o máximo de lugares e pessoas interessantes que eu puder, porque acredito que a vida não se limita só ao lugar que você nasce e cresce, o mundo é muito maior do que a gente pensa. Ainda pretendo conhecer os Estados Unidos, voltar para Europa ou Austrália, ou apenas visitar um local novo.

O Brasil pode melhorar em muitos aspectos, desde, por exemplo, em uma parada de

ônibus, eu chego ali e quero saber para onde eu vou, mas não tenho nenhuma informação acessível. Se eu quiser entrar na internet, tampouco há acesso. Então, a única alternativa que resta é perguntar para as pessoas que estão passando pela rua, caso contrário, é impossível locomover-se. Na Europa, há informações de maneira acessível a todos. Na parada de ônibus já tem tudo escrito, juntamente com o mapa que mostra o trajeto que o transporte faz e quanto tempo falta para que ele chegue ao ponto de ônibus. Estes simples fatos são de grande valia, capazes de possibilitar que tanto o turista como o nativo não se percam. Vejo que ainda falta muito para o Brasil evoluir neste quesito. Outra questão que devemos nos preocupar é com a manutenção das cidades, onde estive era sempre tudo muito limpo. Dá gosto morar em um lugar limpo, bonito, pintado. Isso faz muita diferença, é claro que também é advindo de um hábito cultural. Infelizmente, no Brasil ainda há muitas pessoas que jogam lixo no chão.

Por outro lado, aprecio o fato de o brasileiro ser um povo muito alegre, que querendo ou não, enfrenta muitos obstáculos, mas que continuam lutando, batalhando a cada dia. Há muitos trabalhadores que precisam sustentar uma família inteira em condições de trabalho muitas vezes exploratórias. Sinto orgulho da batalha do nosso povo, de “dar o duro” e levarem o Brasil para frente. O que me deixa muito triste é a corrupção. Nós pagamos impostos altíssimos e não recebemos nada em troca. O Brasil tem grandes potenciais, há lugares belíssimos. Nós não precisamos ficar cegos e achar que só o que tem lá fora é bom. Temos músicas de qualidade, belezas naturais, um clima agradável, cidades maravilhosas, praias em Santa Catarina, Nordeste, a Serra Gaúcha, o Rio de Janeiro. Enfim, são lugares que estão aqui, perto da gente. É só a sabermos aproveitar!

Intercâmbio na Nova Zelândia: Dicas e vivências

Luísa Cavalcanti Ribeiro, 18 anos.

Profissão: Estudante.

O que pretende: Ser diplomata ou analista de comércio exterior.

País que conhece: Nova Zelândia.



Se me pedissem para escolher uma só palavra, diria que a experiência de morar em outro país é extraordinária. A sensação de que tudo, não só parece como é novo, transforma as mais simples atividades cotidianas em algo interessante e surpreendente. Andar de bicicleta ou pegar um ônibus, por exemplo, se torna uma aventura que vale a pena ser lembrada e compartilhada com amigos e familiares. Morar no exterior, sozinha, fez de mim uma pessoa mais independente e comunicativa, pois a saída da minha zona de conforto deu sumiço à minha timidez. O conhecimento adquirido, as amizades consolidadas e os passeios inesquecíveis, por si só, já fazem qualquer lugar se tornar especial, mas com um cenário e com a cultura como os da Nova Zelândia, minha experiência foi tudo menos negativa e/ou ‘normal’.

Como só vivi lá por seis meses, não pude conhecer muito bem as cidades da ilha norte, como a famosa *Auckland* e a capital *Wellington*. Porém, tenho certeza que nada me surpreenderia mais que *as cidades da ilha sul, então é exatamente isso que eu vou recomendar*. *Christchurch*, a cidade em que eu morei, infelizmente, foi palco de um dos piores terremotos do país (e eu estava lá durante o ocorrido - o que só agregou mais experiência ao meu intercâmbio). *Dunedin*, cidade universitária com muito espírito jovem. *Queenstown*, cenário de Senhor dos Anéis e capital do esporte radical: *Bungee jumping, Raft, Sky diving...* *Wanaka*, aconchegante e apaixonante; *Franz Joseph*, onde

se pode andar no gelo e explorar uma geleira no topo da montanha; *Nelson*, com suas praias maravilhosas; *Hanmer Springs* e suas piscinas aquecidas por vulcões naturais.

6Os melhores lugares para comprar roupas e sapatos são os *malls*, sempre com promoções e descontos incríveis em várias lojas. Até nos mercados, como o Countdown e o *K-mart*, dá pra encontrar muita coisa de qualidade e com preços baixos. Duas lojas que conquistaram um lugar especial no meu coração foram a *Glassons* e a *Cotton On*. Já para comprar artesanato, recomendo visitar a famosíssima *Green Stone* da Nova Zelândia, que possui o melhor comércio em feiras *Maoris*, onde aos domingos ocorrem exposições nas praças principais das cidades. Ou então, na porta de grande parte dos pontos turísticos, estes produtos artesanais possuem qualidade e, por ser feito à mão, são geralmente mais bonitos que produtos de lojas.

Como eu não tinha a idade permitida para beber ou badalar, a vida noturna se resumia em *house parties* que meus amigos faziam no esquema ‘*bring your own (BYO)*’ *drink*. Estes eventos ocorrem frequentemente. O esquema é bem aberto e acolhedor, ninguém ficava de fora. Fora isso, o bar *Minus 5*, em *Queenstown*, é imperdível por ser tudo feito de gelo, desde os copos à decoração, inclusive os assentos. Claro que dançar é necessário pra se manter aquecido, por isso a “*vibe*” é tão legal e empolgante. Eles emprestam casaco e luvas, além de existir um tempo limite para ficar dentro, mas a diversão é garantida do começo ao fim. Em *Auckland*, recomendo visitar a *Sky Tower* à noite, pois além da vista com as luzes da cidade ser de tirar o fôlego, o jantar é muito gostoso!

Infelizmente as igrejas e museus que visitei em Christchurch, hoje, estão destruídos ou em processo de reconstrução. Porém, o *Hagley Park* e *Port Hills* são imperdíveis passeios ao ar livre, bem como a praia de Sumner Beach. Os campos de *mini golf* e o Riccarton Mall também são opções baratas e divertidas. Um dos passeios mais legais é a já mencionada caminhada no gelo em *Franz Joseph*, e a gôndola em *Queenstown*. Lá, há uma montanha que se sobe em um bondinho, a descida pode ser feita tanto pulando de *Bungee jumping*, como alugando carrinhos de corrida, fazendo curvas radicais e muito rápidas. Também falando sobre *Bungee jumping*, a melhor coisa a se fazer é comprar o pacote com os três (um que pula da ponte, um que pula dessa montanha da gôndola e o maior do mundo, Nevis, que salta de uma plataforma). Todos eles são passeios que, apesar de caros, valem muito a pena.

O safari do *Senhor dos Anéis*, também localizado em *Queenstown*, é outro passeio recomendável e muito elogiado por todos que conhecem, principalmente pelos fãs da saga. Também tem um navio que atravessa a ilha norte em direção à ilha sul, proporcionando cenários de tirar o fôlego e com duração máxima de 3 horas. Mas, se eu fosse repetir algum, seria o de *Milford Sound*! São várias ilhas e cachoeiras, parece um sonho, um paraíso. Para ir, existe tanto a opção de barco quanto a de helicóptero. Há apenas um porém, lá chove quase todos os dias do ano. Por isso, é necessário ir preparado com capa de chuva, botas, agasalhos...

As comidas típicas da Nova Zelândia são influenciadas pela cultura inglesa, como o famoso *Fish 'n Chips* (batata frita com um peixe frito) - refeição barata e fácil de se encontrar em qualquer lugar; a sobremesa *Pavlova* de kiwi ou de morango, e a carne de ovelha. O churrasco, que eles chamam de *BBQ*, é bem diferente do nosso: só assam carne e linguiça pra comer com um pedaço de pão de forma e ketchup. Fora isso, eles comem muita comida chinesa e japonesa, especialmente *noodles*.

O aspecto que mais me chamou a atenção foi em relação a cultura *Maori*, com suas danças e idioma exótico, é algo muito interessante de se conhecer! No esporte, o jogo de *Rugby* é uma tradição para todos os meninos adolescentes, e em todo bairro é possível ver parques lotados com jogos e treinos, assim como o futebol é para o Brasil. As meninas jogam a versão menos violenta: o *Touch Rugby*. Já as músicas típicas são do estilo *surf e reggae*. Os habitantes possuem o costume de praticar muita atividade ao ar livre. Lá pratiquei *Mountain Bike*, aprendi a andar de caiaque e acampeí diversas vezes em montanhas. Além de manter a população saudável, essas atividades são acessíveis e maravilhosas para serem realizadas nos finais de semana. Um costume que notei ser bem diferente dos hábitos brasileiro, foi o fato de lá eles não almoçarem, há apenas um lanche durante o dia e a noite ocorre o encontro com a família para jantar.

A quem deseja ir para lá, recomendo que tentem conhecer e se aproximar dos neozelandeses. Além de praticar o inglês, é uma oportunidade de fazer amizade com pessoas diferentes e incríveis. Não se fechar na sua própria cultura é a melhor dica, e isso vale para qualquer lugar. Também sugiro que abram a mente para praticar esportes lá, mesmo que sejam simples caminhadas ao ar livre para observar a vista, o clima, a fauna e a flora do local. Para se hospedar, os melhores e mais baratos locais são os *hostels* (albergues), onde é possível dividir quarto com até seis pessoas, misto ou não. Eles têm ótimas localizações e uma programação muito boa pra quem quer se aventurar e conhecer o melhor da Nova Zelândia, fora a facilidade em conhecer gente de todos os cantos do mundo. Uma dica valiosa é alugar uma mini van da Juicy, que vem com uma cozinha no porta malas.

O único momento que pensei em desistir foi nos primeiros dias, quando eu não conhecia ninguém e não estava me dando bem com minha *host sister* alemã. Mas esta ideia só durou uma semana. Depois, nem um terremoto que destruiu metade da cidade me fez querer desistir. Pelo contrário, neguei as oportunidades que a empresa de intercambio ofereceu de mudar de cidade ou voltar pro Brasil, e quanto mais o tempo passava, menos eu queria sair daquele lugar, pois, na verdade, a Nova Zelândia se tornou minha casa. Hoje em dia, tudo o que eu mais quero é voltar morar e trabalhar lá, enfim chamá-la de “lar”. Aprendi a dar valor a coisas pequenas, que antes passavam despercebidas. Voltei outra pessoa, mais humilde e menos egoísta. E, claro, mais corajosa: “*se nem um terremoto me destruiu, o que irá?!*”

O que mais me marcou nesta experiência foi a receptividade dos nativos, inclusive a forma com que se uniram após o terremoto. Percebi a solidariedade entre eles, os

vizinhos se ajudavam mutuamente; houve inúmeras doações, preocupações com o próximo, campanhas e grupos de limpeza nas ruas da cidade, enfim, nunca havia visto nada tão altruísta e emocionante quanto aquilo. O memorial que fizeram em homenagem aos falecidos, e todo o país em luto, prestando homenagens e minutos de silêncio foi, sem dúvida, algo muito marcante e forte. Fiz mais amigos na escola neozelandesa do que fiz ao longo da minha vida inteira.

Além disso, fui muito bem recebida pelas quatro famílias, que me acolheram como pais. Não imaginava ser tão bem tratada e me sentir uma pessoa tão interessante quanto eles me fizeram sentir! A primeira família que fiquei era um casal de idosos, que possuíam uma casa grande e, por isso, hospedavam três garotas: eu, uma alemã e uma coreana. Depois do terremoto, a casa ficou muito destruída e perigosa de se viver, então eles se mudaram para uma fazenda e nós três nos separamos. Estava triste e sem lugar pra ir quando meu amigo me convidou pra me hospedar na casa dele. Assim, a maior farra foi nesta casa, ele me levou para sair, me apresentou seus amigos e eu tive uma “irmã” mais nova e outro “irmão”, fora os “pais” acolhedores. Éramos seis, e ficou assim até o final. Porém, me aproximei muito da família de outros dois amigos e, assim, me considerava uma parte das três casas. Dividia minha atenção jantando cada dia com uma família, e dormindo cada final de semana em um local diferente, foi ótimo! Ter me relacionado com essas famílias me fez aprender sobre a dinâmica e rotina de diversas pessoas, foi algo muito enriquecedor.

Mais do que amizades, fiz irmãos e famílias que até hoje nos falamos sempre, trocamos correspondências e novidades. Não poderia ter sido melhor. Nem tive tempo de sentir saudade de amizades verdadeiras ou da minha verdadeira família, pois tive tudo isso a todo momento! Mesmo em lojas, não percebi grosseria ou antipatia da parte de ninguém! Cada pessoa que conheci contribuiu para minha vida mais do que qualquer escola e curso poderiam contribuir. Apesar das dificuldades de convivência com a minha *host sister* alemã, com o tempo, tive que aprender a lidar com nossas diferentes personalidades, pensamentos e cultura, e finalmente deixamos de ser inimigas pra nos tornarmos melhores amigas. Sem dúvidas foi algo que me fez crescer como pessoa, pois ainda hoje, antes de desistir de algo/alguém, me lembro que é dando mais tempo e oportunidades que a pessoa consegue te surpreender!

Nas horas livres, além dos passeios, me juntei ao time de basquete da escola, comecei a frequentar aulas de zumba e um grupo jovem da Igreja. Tudo isso me deixou ocupada ao ponto de não me dar tempo de sentir falta da minha vida e das pessoas que deixei no Brasil, o que foi ótimo. Não cheguei a conhecer o significado da palavra *'homesick'*. Esta experiência valeu tanto a pena que se eu pudesse escolher voltar para somente um lugar no tempo, voltaria para esta época lá. E, se eu pudesse realizar outra viagem internacional, eu escolheria a Nova Zelândia novamente. Aprendi que, mesmo depois de ter estudado inglês durante sete anos no Brasil, eu não sabia de nada. Concluí que a única forma de ser fluente em inglês é praticando muito, e isso conseqüentemente envolve sair da zona de conforto e buscar coisas novas.

Acredito que morar em outro país com 15 anos já requer, por si só, um amadurecimento. Ter obrigações na casa, integrar um time e ter que se virar sozinha é um processo evolutivo muito grande. Lidar com o desconhecido e se aventurar em coisas, lugares e pessoas diferentes, requer muita confiança e crescimento, mas a recompensa é incrível. Ao voltar para o Brasil, me deparei com muitas situações que eu não saberia como lidar, caso não tivesse morado na Nova Zelândia e feito tudo o que fiz. Inclusive, não teria escolhido estudar Relações Internacionais e não estaria vivendo a vida que vivo hoje, então aqueles seis meses definiram não só o meu caráter, como também meu futuro e carreira!

Faço parte de um site chamado *postcrossing*, onde trocam-se cartas com pessoas aleatórias de todos os lugares do mundo. Coleciono mais de 130 cartas e selos, e me encanto com o que as pessoas me escrevem sobre suas rotinas e cidades. Também trabalhei na *AIESEC*, maior organização jovem do mundo, que busca o desenvolvimento das potencialidades humanas, através de experiências de intercâmbio e de liderança. Através da organização, recebíamos muitos *Trainee* internacionais e lidávamos com diversas culturas. Então, para mim, a melhor coisa que existe é essa troca de conhecimentos direta entre culturas!

Após ver que lá os guardas não andam armados e as casas não tem grades nem muros, vejo que o Brasil precisa investir mais em segurança. Na realidade, o povo brasileiro deve adotar mais honestidade, este é um fator que influenciará diretamente na qualidade de vida, além de melhorar o sistema educacional. Na Nova Zelândia, o aluno pode escolher no *High School* seis matérias que gostaria de estudar, (entre as opções estão fotografia, culinária, *design*, entre outros). Este fato torna a ida a escola algo muito prazeroso, e dá aos estudantes a oportunidade de se descobrirem melhor e testar o que realmente farão no futuro.

Entretanto, gosto muito do carinho e receptividade dos brasileiros, estamos sempre animados e temos, inclusive, um dos carnavais mais famosos do mundo. Temos uma habilidade nata de se unir, seja através do futebol ou das decepções políticas, seja para festejar ou para protestar. Multidões aglomeradas não é algo que se vê com facilidade no exterior. Mas, gostaria também que não fosse só festa e alegria, e que as pessoas realmente se chocassem mais com os absurdos que cercam o Estado brasileiro. O ‘jeitinho brasileiro’ de tentar se dar bem, e a cultura de se atrasar em compromissos, é algo que eu gostaria que mudasse. A pontualidade das pessoas no exterior é algo que facilita muito a vida!

Viajando pela América do Sul: Argentina, Peru e Uruguai

Márcia Cristofio, 22 anos.

Profissão: mestranda em Geografia na área de Planejamento Regional.

O que pretende: trabalhar com pesquisa acadêmica.

Países que conhece: Argentina, Peru e Uruguai.



Acredito que ter a oportunidade de conhecer outras culturas em outros países é a melhor experiência sempre. Relatarei sobre minhas viagens pela América do Sul a turismo. Mesmo tendo ido a Lima, no Peru, para participar do *Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)*, ainda sim considero uma viagem a turismo. Conheci *Buenos Aires – Argentina, Montevideú e Colônia do Sacramento – Uruguai, Lima, Huacachina e Huaráz - Peru*. Com isso percebi que o espanhol de cada localidade não é tão fácil quanto parece, pois varia, assim como o nosso português, dependendo da região em que é falado.

Eu não tenho o costume de viajar com roteiros engessados. Dessa forma, de maneira geral, recomendaria fazer passeios a pé apenas com a ajuda de um mapa. Conhecer o dia a dia daquela localidade, às vezes vale mais que um roteiro turístico montado exatamente para turistas. Claro que para chegar a alguns lugares específicos é preciso ir junto com um guia, o que na maioria das vezes vale a pena. Mas é preciso tomar cuidado para não gastar mais tempo no deslocamento do que no local em si.

O primeiro país que visitei foi o Uruguai. Fiquei cinco dias na capital *Montevideú* e dois em *Colônia do Sacramento*. A viagem em si não foi esquematizada, apenas a hospedagem e os dias estavam definidos, o que faríamos lá dependeria da vontade e das oportunidades. Estar em um país diferente, ainda mais o Uruguai, que é extremamente nacionalista, passa uma sensação ao mesmo tempo constrangedora e empolgante. Acredito que é o mesmo sentimento de ir visitar um parente do interior que mora em uma cidade pequena, todos sabem que você não é de lá e te observam como um “estranho no ninho”. Porém, depois dessa primeira impressão que durou nada mais que alguns minutos, a adaptação foi fácil.

A cultura do Peru possui muitos aspectos pré-colombianos em seu dia a dia, todos os lugares a que você vai tem resquícios dos Incas, *Chavins* (cultura da época pré-incaica) e outras culturas pré-colombianas. Dependendo da região, os trajes das pessoas ainda são bem tradicionais, ainda mais pelo frio. Já no Peru, recomendo fugir dos roteiros de sempre e ir a *Huacachina em Ica*, conhecida como o oásis das Américas. Lá só chove uma vez por ano por poucos minutos. Outro passeio que recomendo é andar de *bug* e fazer *sandboard* nas dunas. Em *Paracas*, o mais legal é conhecer as *Islas Ballestas*. E em *Huaráz*, vale a pena subir 5.200 metros de altitude acima do nível do mar nos Andes.

Um local que também gostei bastante e sugiro conhecer é o distrito *Miraflores* em *Lima*. Lá há uma rua fechada para carros chamada *Calle de las Pizzas*, onde há diversos bares e restaurantes, um lugar bastante agradável. Também achei incrível o fato de *Miraflores* ser um distrito com infraestrutura totalmente voltada para o idoso, com calçadas mais baixas e rampas de acesso. Este é um local muito rico em Lima. Visitei um shopping na beira do Pacífico, o qual é bastante frequentado tanto por turistas quanto pelos nativos.

Em Lima, um aspecto notável é o trânsito caótico e o uso das buzinas. Em compensação, o sistema de transporte público de lá é bom, parecido com o projeto que se pretendia implantar em Brasília, que é o transporte rápido sobre rodas. É um corredor de ônibus que atravessa a cidade inteira, então é algo essencial e funciona bem. Outra questão que percebi é a recente inserção da cultura norte-americana lá. Embora ainda seja barrada pelos mais tradicionalistas, é possível notar muitas marcas de roupas e *fast food* advindas dos Estados Unidos.

As compras durante as viagens vieram junto com as andanças. Eu e meus amigos não procuramos lugares específicos, geralmente passávamos por algumas lojas e, se os preços valessem a pena ou se os produtos fossem diferentes do que geralmente encontramos no Brasil, comprávamos. Já as comidas típicas variam conforme o país. Porém, a culinária que mais me chamou a atenção foi a do Peru, por ser extremamente rica. Recomendo provar o *Cebiche*, que é um prato feito de peixe cru marinado em suco de limão, lima ou outro cítrico. O pescado pode variar entre eles, o camarão, lagosta ou mesmo polvo.

A maior dificuldade que eu tive foi em relação ao aeroporto. Resolvi mudar o horário do meu voo da volta para o Brasil, mas tive alguns transtornos por não ter imprimido a passagem nova. É importante dizer que o aeroporto de Lima é extremamente bagunçado. Para entrar lá, é necessário mostrar o passaporte, e isso já leva um tempo. Além disso, dentro do aeroporto não tem sinalização de nada, nem das companhias aéreas. Eu perdi tempo procurando o guichê da companhia que iria viajar, e quando finalmente o encontrei, o horário de embarque já havia sido encerrado há 10 minutos, e esse foi o tempo que gastei procurando chegar ao local indicado dentro do aeroporto.

Por fim, expliquei a situação e consegui embarcar, mas na realidade viajei em outro voo, o destino era o mesmo, mas acabou que foi por outra companhia, e como eu não tinha imprimido o novo bilhete, acabei viajando sem mostrá-lo. Enfim, só percebi o engano quando havia chegado ao destino.

Devido a esses problemas pessoais, uma dica para quem vai viajar para *Lima* é que se planeje para chegar ao aeroporto de lá com bastante antecedência, já que é desorganizado e leva um tempo até achar o local da companhia aérea. Outra coisa a levar em consideração é que o trânsito de *Lima* é terrível, pior que o de São Paulo. Então, para chegar ao aeroporto, é necessário sair com pelo menos 3 horas de antecedência, ainda mais se for em horário comercial. Recomendo também ter todas as passagens impressas e o passaporte em mãos ao chegar ao aeroporto.

Em relação à troca de câmbio, a capital oferece várias opções, há uma rua com diversas casas de câmbio e tem os próprios cambistas na rua, se eles tiverem um crachá de certificação, você pode confiar. Caso a pessoa não queira trocar com eles, há a opção de trocar no banco mesmo. Uma recomendação que indico é andar antes de trocar com a primeira pessoa, porque pode ter uma pessoa cobrando uma cotação de um valor, e mais adiante outra com outro valor, então você pode comparar para avaliar qual é mais vantajoso, pois não é padronizado. Tem pessoas que pechinham, enfim, é negociável. Além disso, vale mais a pena trocar o câmbio lá do que aqui no Brasil. Também sugiro levar o cartão *Visa Travell Money* na viagem. Na América do Sul a bandeira mais utilizada é *Visa* mesmo, já na Europa, a bandeira mais utilizada é a *Mastercard*.

Para se hospedar, sugiro ficar em albergues por serem mais em conta e, na minha opinião, foi uma experiência fenomenal. No caso, em todos que me hospedei, optei por ficar em quarto individual porque como viajei com muita bagagem, me senti insegura para colocar as minhas coisas jogadas no quarto com alguém desconhecido. Em relação ao conforto é normal, de viajantes mesmo: a cama é gostosa para você descansar e acabou, você vai embora para passear. Na Argentina, eu fiquei no albergue que eu mais gostei na minha vida até hoje, que é o *Milhouse, ele fica na Avenida do Obelisco*. Há um bar lá dentro e toda noite, a partir das 20 horas, tem um *happy hour* em que há dose dupla de bebidas, porque em *Buenos Aires* a vida noturna começa a partir das 2 horas da manhã. Então, você pode beber no albergue até o horário de sair, é claro que isso é pago

à parte. Há também vans que levam para as festas. Lá foi onde eu mais fui para festas na minha vida.

Em *Buenos Aires*, conheci dois brasileiros de *Belo Horizonte* e nós formamos um laço de amizade bem forte, eles são super legais e eu tenho contato até hoje. Em *Lima* tive bastante contato com os moradores, às vezes eu chegava, sentava e conversava sobre a cidade, o que tinha para fazer. Os habitantes locais são super educados. A impressão que tive é que *Lima* é muito mais voltada para o turismo do que *Buenos Aires*. A Argentina foi o país onde eu menos fui bem acolhida. Todos dizem que brasileiro tem preconceito com os argentinos, mas eu senti o contrário lá.

O aprendizado que eu tive nesta viagem foi mais comigo mesma, em relação a como administrar o dinheiro para poder pagar os passeios turísticos, a alimentação, a hospedagem e as compras. Viajar significa estar disposto a entender e respeitar a cultura das pessoas que vivem naquele lugar, você é um mero visitante, não deve intervir nem querer mudar as coisas. Então, sempre que viajo para fora, vou com o coração aberto para entender o que ocorre com as outras pessoas e culturas. Acredito que esta experiência permite a percepção de como o mundinho que vivemos é pequeno em comparação ao resto do mundo, ao observar como outras culturas vivem e o que elas fazem.

O meu plano é conhecer o máximo de lugares possíveis em menos tempo. A minha próxima viagem será pela Europa com meu namorado e a família dele. Iremos para *Barcelona* e *Paris* a turismo. Como passaremos quatro dias em Paris, eu estou querendo pegar um trem bala para ir a Londres. Então, eu já estou assim: “estou lá, mas já quero estar em outros lugares”. É sempre assim, correria. Em viagem, dormir é perda de tempo.

Por fim, vejo que o Brasil não perde em nada para os outros países da América do Sul. Eu também sou muito nacionalista. O Brasil ainda está em um caminho bom. O que é legal no brasileiro é que ele está sempre de bom humor e recebe bem as pessoas e turistas, em qualquer lugar, sem contar que cada vez mais os brasileiros estão viajando para fora e estão ficando cada vez mais educados. É bem fácil reconhecer outros brasileiros no exterior, vai ter sempre uma havaiana ou várias compras. Entretanto, o que é mais urgente para mudança no nosso país é o transporte público. Além disso, é necessário melhor preparo turístico principalmente em relação a hospedagem, com opções mais em conta. Às vezes é mais barato viajar para Argentina, compensa mais que uma passagem normal para o Nordeste.

Intercâmbio para a África do Sul

Mariana Rabello, 23 anos.

Profissão: internacionalista.

Países que conhece: África do Sul; Ilha de Malta; Itália; Irlanda e Alemanha.



De todas as viagens que fiz, meu intercâmbio na África do Sul foi o mais marcante. Como foi minha primeira experiência, tudo era novo e eu tinha muita vontade de explorar tudo, mas também tive dificuldades em algumas situações. Morei em *Cape Town* por três meses para estudar inglês. Fiquei hospedada na residência estudantil que era dentro da própria escola, chamada *LAL Group Language Center*, que fica localizada em *Sea Point*. Assim, tive a oportunidade de fazer amizade com vários brasileiros, estrangeiros e nativos. Todos contribuíram para minha evolução e pude praticar bastante o inglês.

Percebi que os africanos adoram os brasileiros, pois sempre tinham curiosidades a respeito de futebol e sobre a nossa cultura. Como fui no ano da Copa do Mundo, se vestia uma camisa da seleção brasileira, certamente as pessoas vinham até mim para conversar. Nas horas livres, o que eu mais fazia era ir à praia. As praias são paradisíacas e como no verão é muito quente, se torna o *point* dos estudantes. Um fato a levar em consideração é que lá é proibido beber na rua e também não pode comprar bebida alcoólica depois das 6 da tarde.

Em *Cape Town* existem muitas coisas legais para conhecer, como a *Robben Island* (prisão onde o líder político Nelson Mandela ficou na época do Apartheid), o *Cape Point*, onde há uma vista linda, e o *Cape of Good Hope* (Cabo da Boa Esperança).

Muitas pessoas dizem que é lá onde “o vento faz a curva”, por ser o ponto na região sul mais extrema do continente.

O melhor lugar para fazer compras em *Cape Town*, tanto de artigos de luxo quanto de artesanatos, é uma feira ao ar livre que fica ao lado do *Shopping Waterfront*, que tem de tudo e é um ambiente super agradável. Além disso, como toda cidade grande, a vida noturna de *Cape Town* é farta! Há diversas opções de baladas e bares. Mas os melhores locais para ir é a boate *Tiger Tiger*, onde toca House a noite toda e o ambiente é bastante chique e elitizado, inclusive há restrições dos seguranças para entrada. Ou seja, quem estiver mal vestido pode ser até barrado. Além disso, dizem que negros não entram lá, e de fato, quando fui, não vi nenhum. Outro lugar que sempre lotava era o *La Med*, um barzinho na beira da praia que aos domingos há apresentações de bandas, como *Gold Fish* e eu gostava muito, tanto que era meu lugar favorito.

Os pontos turísticos e passeios de que mais gostei foram vários, entre eles, escalar a Table Mountain e ver o pôr do sol do topo da montanha; pular no maior *Bungee jumping* do mundo (são 216 metros de queda livre); nadar com pinguins na praia; ir ao *White Shark Embassy*, o qual é possível mergulhar com tubarões branco, dentro de uma jaula de titânio. Em relação às comidas da África do Sul, achei que a culinária é bem exóticas. Os pratos típicos que provei foram: churrasco de avestruz, carne de crocodilo e ensopado de tubarão. Existe um restaurante muito bom que oferece essas refeições, chamado *Mamma Africa*.

O aspecto cultural que mais me chamou atenção foi sem dúvida alguma as marcas que o *Apartheid* deixou no local. Até hoje é muito visível o preconceito no país, pois há resquícios da época que ainda permanecem no país. Ao andar pelas ruas ou de ônibus, é possível observar este fato. Além disso, não vi, por exemplo, brancos em subempregos, só negros. Presenciei uma cena que me chocou muito. Eu estava com um grupo de 15 amigos indo para uma festa de Réveillon e entramos em um ônibus lotado. De repente, todos os negros se levantaram para que os brancos que estavam ali pudessem se sentar. Foi muito triste ver aquilo.

Apesar das dificuldades, não pensei em desistir do intercâmbio. Pelo contrário, queria ficar lá mais tempo. O maior empecilho foi o custo de vida, que é muito caro, mesmo a moeda sendo desvalorizada em comparação a outras. Ademais, este fator acentuou-se porque fui para África do Sul em 2010, no ano que o país sediou a copa do mundo. O que mais me emocionou nesta experiência foi o carinho e respeito que a população demonstra pelos brasileiros.

A dica mais importante que recomendo para os viajantes é explorar ao máximo o local a que desejam ir. Também sugiro caminhar, conversar com os nativos e turistas, procurar fazer amizades, descobrir novos passeios, principalmente aqueles que não constam nos guias turísticos, pois com certeza serão os melhores. Eu particularmente

nunca pesquiso muito sobre o destino, nem converso muito com pessoas que já foram. Na minha opinião, o legal é se aventurar e fazer nossas próprias descobertas.

Esta experiência foi maravilhosa e agregou muito. Fui para aprender inglês, mas voltei com uma bagagem muito maior. Aprendi a respeitar as diferenças, a dar valor nas pequenas coisas e fiquei até mais patriota.

Sempre prezo pelo respeito e gosto de conhecer diferentes culturas. Desde criança, minha família recebia intercambistas de *High School* e eu tinha muita curiosidade em saber como eram os costumes no país deles e sobre como eles enxergavam o Brasil. Não foi à toa que fiz Relações Internacionais. Não me imagino fazendo outra coisa, o curso me ajudou muito nas minhas viagens. Meu próximo plano é conhecer uma cidade chamada *Playa del Carmen* no México. E a lição que é sempre válida é a que não podemos ter medo de coisas novas quando o assunto é intercâmbio. A lei é: arriscar-se e aproveitar!

Na minha opinião, cada país tem suas características diferentes e é essa a graça de conhecer lugares novos. Temos nossa cultura, nossos valores, é isso que diferencia uma experiência cultural da outra. No Brasil, a alegria do povo e a diversidade cultural são com certeza nosso diferencial. Porém, gostaria que houvesse mais segurança e investimentos em cursos populares de língua inglesa para a população aperfeiçoar-se no preparo turístico.

Intercâmbio para a Austrália pelo Ciências sem fronteiras

Matheus Vieira Portela, 19 anos.

Profissão: estudante de Engenharia Mecatrônica.

O que pretende: trabalhar com robótica ou com sistemas automatizados.

Países que conhece: Estados Unidos, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Emirados Árabes Unidos, Austrália e Nova Zelândia.



Contarei sobre meu intercâmbio na *Australian National University*, em *Canberra* (capital da Austrália), pelo programa *Ciência sem Fronteira*. A experiência de ter vivido em outro país foi algo fantástico, percebi que não se trata apenas de visitar locais bonitos e famosos. Na realidade, vai muito além, pois é possível evoluir como indivíduo, enxergar novas oportunidades e perceber como o mundo é enorme e variado. Foi algo fantástico.

Durante meu intercâmbio, morei em alojamento universitário, localizado no próprio campus da *Australian National University*. De todas as escolhas que fiz, essa foi, sem dúvida, a melhor de todas, pois enriqueceu minha experiência de uma maneira que nunca imaginei ser possível. Viver dentro do campus foi um dos fatores que mais favoreceu a conhecer novas pessoas e fazer amizades. Os australianos sempre estavam muito dispostos em me ajudar, caso houvesse qualquer problema com adaptação ou coisas do gênero. Entretanto, a maior parte dos amigos que fiz eram outros estudantes internacionais (de todos os cantos do mundo: EUA, Europa, Sudeste Asiático, África), além de ter conhecido muitos outros brasileiros que participaram do intercâmbio comigo. Poder conviver com diversas pessoas, as quais têm histórias de vida tão diferentes umas das outras, foi realmente uma experiência inovadora.

Dentre os lugares que visitei em *Canberra*, recomendo visitar os prédios do *Parlamento Australiano*, o *Lago Burley Griffin*, *Memorial da Guerra*. Na primavera, ocorre um festival das flores, o *Floriade*, que é fenomenal. Ao se hospedar, recomendo o albergue da juventude *Canberra City YHA*, que é bom, barato e com excelente localização, bem no centro da cidade. Nele também é possível agendar ou conseguir informações de passeios turísticos. Caso esteja vindo de *Sydney*, vale mais a pena viajar de ônibus por cerca de 3h30.

Para sair à noite na capital, o local ideal para ir é o *Civic*, bairro central da cidade. Isso porque, nele, há diversos pubs e *lounges* para beber cerveja e jogar papo fora, como

o King *O'Maley's*, e boates, como *ICBM* ou *Meche*. Inclusive, às quintas-feiras, ocorre a *Uni night*, noite na qual não é cobrado dinheiro para entrar nas boates. As demais grandes cidades, como *Sydney*, *Melbourne*, *Perth* ou *Brisbane*, possuem vida noturna agitada. Em geral, há regiões ou bairros que concentram casas noturnas e bares ou pubs. Vale a pena checar quando ocorre a *uni night* em cada cidade, que pode variar de quarta a sexta-feira.

Na Austrália, o melhor local para comprar são os *outlets*, lá há roupas boas e baratas, com a rede DFO (*Direct Factory Outlets*). Para artesanato, principalmente produtos de arte *aborígene*, recomendo uma viagem ao *Outback*, que é um deserto no centro do país. Na cidade de *Canberra*, é imprescindível visitar o *Canberra Centre*, um dos maiores shoppings da cidade e que fica bem no seu centro. Além disso, uma visita a *Canberra* não está completa sem visitas ao *Parlamento da Austrália*, ao *Memorial da Guerra* e à *Telstra Tower*. Para um programa mais *fitness*, é possível alugar bicicletas para pedalar em volta do *Lago Burley Griffin* ou até mesmo velejar.

Aos aventureiros e viajantes, sugiro uma viagem à *Tasmânia*, que por ser uma ilha à parte, não costuma estar nos roteiros tradicionais de viagem na Austrália. Cito esse lugar porque o seu meio ambiente é único, possuindo espécies de animais raras em outros lugares ou exclusivas à ilha, montanhas e cavernas maravilhosas. Mais além, a culinária é bem puxada para peixes e frutos do mar devido à cultura de pesca que há na região.

Em relação aos aspectos culturais, a Austrália é famosa pela sua carne de canguru, algo que todo estrangeiro deve provar. Sanduíches com *vegemite* também costumam ser oferecidos para os visitantes, apesar de possuir um gosto não tão agradável. Por fim, comidas mais britânicas, como *Fish n' Chips*, costumam ser de fácil obtenção. Em geral, os australianos são apaixonados por cerveja, diversão e esportes. Em alguns locais, as partidas de *rugby* são tão sagradas quanto missas (apesar de serem um pouco mais violentas). Aliás, existe um esporte nacional chamado *Futebol Australiano (AFL – Australian Football League)*, que mistura aspectos do *rugby* com o futebol tradicional.

Não há uma religião predominante no país, sendo uma boa parte da população católica, anglicana ou ateu. No país, aproximadamente 25% da população é constituída por imigrantes. Dessa forma, a diversidade cultural é intensa, principalmente nos grandes centros. Ademais, o australiano é conhecido por ser um povo receptivo em relação aos imigrantes e turistas.

Na minha opinião, a maior dificuldade que tive foi criar uma grande amizade com algum australiano. Porque apesar deles receberem bem os imigrantes, eles costumam ser mais reservados, praticando a política de boa vizinhança ao invés de tentar construir laços duradouros. Um outro problema de adaptação que tive foi em relação aos australianos possuírem horários rotineiros diferentes dos nossos. Como exemplo, notei

que lá é comum jantar relativamente cedo, entre as 17h30 e as 18h30. Como eu vivia em um alojamento universitário, as refeições tinham horário marcado e inflexível.

Dessa forma, quando dava em torno de 23h, sentia fome novamente e, assim, criei o hábito de fazer um pequeno lanche noturno. Apesar destes aspectos negativos, não pensei em desistir do meu intercâmbio, mas creio que possuir uma data marcada para retornar ao Brasil tenha facilitado durante o período.

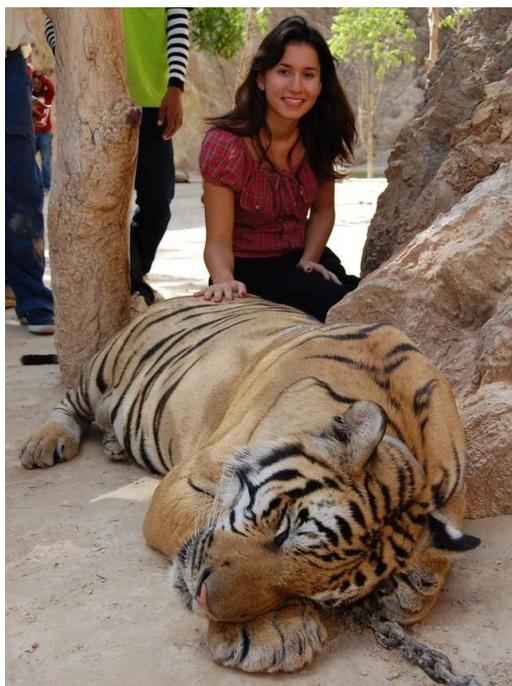
Algo que me marcou, ocorrido no meu segundo semestre de intercâmbio, foi quando fui convidado para ser o treinador do time de vôlei do meu alojamento, mesmo sem nunca ter feito isso no passado. Decidi assumir essa responsabilidade e, durante algumas semanas, treinei o time feminino. Foi então que, depois de uma partida na qual começamos perdendo, conseguimos dar a volta por cima e nos classificar para a final do campeonato da universidade, o que não acontecia há pelo menos cinco anos. Acho que o momento em que fizemos o último ponto, e todos corremos para o centro da quadra, foi o mais emocionante da minha viagem.

Nas horas livres, eu costumava me envolver com atividades na universidade, tais quais a equipe de voleibol, artes marciais e eventos culturais. Também me acostumei a ler livros em locais abertos e visitar cafeterias. Durante o meu intercâmbio, tornei-me mais independente, pois tive que administrar meu dinheiro, tempo e prioridades por conta própria. Considero que, após passar um ano morando em outro país e convivendo com outras pessoas, comecei a encarar o mundo como um local de enormes diferenças culturais, com pessoas de todas as crenças, cores e opiniões.

Adoro conviver com diferentes culturas e pretendo fazer mais viagens, tanto dentro do Brasil (por exemplo, ao Pantanal, e ao interior da Bahia) quanto no exterior (para a Savana Africana e para o Sudeste Asiático). Minha prioridade atual será viajar o máximo que puder, dentro do Brasil, porque decidi que quero conhecer mais o meu próprio país antes de visitar outros lugares. Também pretendo viajar pela América Latina. Com a experiência do intercâmbio aprendi a organizar viagens, incluindo toda a burocracia de vistos, vacinas, seguros-saúde e entre outros.

Analisando o Brasil em um aspecto macro, sugiro que o país invista pesadamente em educação, principalmente na educação pública de base, e em infraestrutura. No micro, o Brasil deve aceitar mais as diferenças existentes entre os seus habitantes e deixar de lado preconceitos sem fundamentos. Entretanto, nosso país possui uma cultura extremamente rica em todos os cenários: música, teatro, literatura, dança, culinária. Poucos foram os lugares que visitei que ofereceram essa enxurrada de cultura. Contudo, gostaria que o brasileiro pensasse mais no coletivo, evitando dar “jeitinhos” que acabam por prejudicar outras pessoas.

Tudo sobre a Tailândia



Nádia Araújo, 24 anos.

Profissão: Estudante de Publicidade - UnB

O que pretende: trabalhar em uma multinacional na área de comunicação ou em embaixadas.

Países que conhece: Tailândia e Chile.

Eu já morei em Santiago, no Chile, por cinco anos. Fui para lá quando tinha 8 anos, e saí com 13. Depois me mudei para a Tailândia e vivi dos meus 14 aos 20 anos, devido ao emprego da minha mãe. Ela trabalha no Itamaraty e foi removida para trabalhar na Embaixada do Brasil em *Bangkok*.

Aqui contarei da minha experiência na Tailândia. Apesar de ser um país bilíngue, na época em que vivi lá, o inglês não era tão falado quanto é atualmente. A capital está mais moderna, tem até sinalização em tailandês e inglês. Porém, quando eu cheguei ao país, não sabia tailandês e falava muito pouco o inglês. Então, passei quatro meses estudando com uma professora particular para ingressar na Escola Americana. Mas na rua eu tive muita dificuldade para me comunicar com os nativos, e só depois de uns quatro anos após a minha chegada, percebi que o inglês começou a fazer sucesso, pois os tailandeses perceberam que aquilo era realmente importante para eles e para os estrangeiros.

Em relação ao preparo turístico, há uma boa infraestrutura na capital. Há muitos hotéis, *hostels*, albergues. A Tailândia é um país desenvolvido, principalmente nos grandes centros. Eu adorava morar lá, tem prédios muito altos, modernos e o transporte público é ótimo. O único aspecto que me deixou um pouco chocada foi a poluição, as ruas de *Bangkok* são bastante estreitas, há um grande número de veículos e há muita gente, é uma cidade entupida, tudo funciona 24 horas, é bem caótica.

Os tailandeses, de modo geral, são receptivos, alegres “quase brasileiros”, só que mais tímidos. Mas o pessoal do comércio é muito aberto e simpático. Eu morei um apartamento que ficava em um bairro bastante seguro no centro da cidade. Vivi com minha mãe, meu pai e meus irmãos. Terminei o Ensino Médio na Escola Americana e cursei dois anos de Comunicação/ Publicidade na Universidade de lá. Era uma Universidade Internacional, privada, então as aulas eram todas em inglês e os professores também eram estrangeiros.

Quem tiver planos de visitar o país, recomendo conhecer as praias, que são belíssimas, é um paraíso na Terra. Entre elas: *Kabri, Koh Phi Phi, Phuket, Koh Samet, Koh Samui, Koh Pagnan, Koh Tao*. O litoral tailandês tem de tudo, barraquinhas, vendedores, boates próximas e bares. É um ambiente bastante turístico, tem até animais circulando, mas é realmente limpo. Tem alguns lugares com ilhas que é um sonho visitar, para uma lua de mel, por exemplo. Para comer, eu sugiro os restaurantes tailandeses que têm as comidas mais exóticas.

Além destas, há muitos pontos turísticos para visitar. Um dos que eu mais gostei foram os templos que tem na capital e próximos da capital. Em *Bangkok* tem o *Grand Palace* e o *Wat Pho*. Há vários templos juntos no mesmo local. O estrangeiro precisa pagar uma quantia e tailandês não paga nada. Além disso, não pode entrar com roupa curta, mostrando as pernas. Mas se um turista chegar lá desprevenido e estiver de saia ou short, os funcionários do templo cedem um saião emprestado para se cobrir, que se parece com uma canga enorme.

Tem também uma cidade próxima que se chama *Ku chon buri*. Lá há museus da Segunda Guerra Mundial que possuem diversos objetos, quadros e fardas dos soldados do exército daquela época. Tem também o Templo dos Leões e dos tigres, é permitido tirar fotos com eles. Outra programação é ir ao zoológico para conhecer os animais mais específicos da cidade, que são os elefantes e pássaros também, apesar de que, como o clima de lá é tropical, bem como o do nosso país, a maioria dos animais de lá são os mesmos dos zoológicos daqui. A maior parte do tempo faz calor o ano inteiro, só nos primeiros meses que chove, e nevar lá é bem raro.

Para fazer compras, há lojas nas ruas e em shoppings. As roupas de lá são boas, tem qualidade e são baratas, há muita variedade. *Bangkok* tem um ótimo comércio. O atendimento ao público também é bom, os tailandeses, de modo geral, são bem educados. Também há feiras de artesanato e mercados, um dos mais conhecidos que vale a pena ir é o *Chatuchak Weekend Market*, que fica na capital. Lá é possível encontrar produtos típicos da região, como móveis de madeira e objetos de bambu. Esse mercado é gigantesco, tem artesanato, comida, acessórios, roupas e até animais para vender.

Os tailandeses não têm muito essa cultura de sair para o bar à noite com os amigos, como o brasileiro. Mas para quem procura diversão, o ideal é ir para uma rua chamada *Khaosan Road or Khao Sarn Road*, que é uma rua toda fechada, muito frequentada por turistas. O local é cercado por bares, lojas e restaurantes. Além disso, somente pedestres podem ter acesso.

O mais inusitado do costume deles é o churrasquinho, porém o de lá é feito de insetos, tem escorpião, barata, grilo. Para mim é muito nojento, nunca tive vontade de provar, e se eu voltasse novamente, não provaria tampouco. As frutas são as mesmas do Brasil, mas uma que é típica de lá é o *Durian*, que se parece com a jaca que temos. O

Durian tem um cheiro muito forte e é proibido carregar esta fruta em lugares públicos, no metrô tem até placas de sinalização indicando a figura do alimento e o sinal de proibido. Meu pai tentou trazer a semente do *Durian* para o Brasil e não nasceu, só tem naquela região mesmo. Outros pratos da região são o *Khao Pad Gai*, que é um mexido de arroz com frango (no inglês, *Fried Rice Chicken*), muito desejado pelos estrangeiros. Há sabores de carne, ovo, camarão, entre outros. E tem as sopas dos tailandeses, que é o *Bami noodles* com carne de pato, é uma delícia. Os nativos comem muita carne de pato e porco.

Um outro aspecto da cultura que me chamou atenção foi a tranquilidade dos tailandeses. Eles são muito lentos, devagar, não se estressam com nada. Devido ao país ter a maior parte da população budista, eles tendem a seguir algumas regras, que é respeitar o próximo, não roubar e tratar os outros bem. Por isso é um local seguro. Um costume brasileiro que não se deve fazer lá é em relação ao nosso cumprimento. Lá não é adequado abraçar nem beijar o rosto das pessoas, não importa a idade, nem de bebês. Também é proibido passar a mão na cabeça dos outros porque, segundo eles, é a parte mais importante do corpo, onde está a alma. Não é necessariamente uma lei, mas é algo da cultura religiosa.

O país é cercado por estrangeiros, há muitos estudantes de intercâmbio, principalmente holandeses, porque há um incentivo para estudar na Universidade Internacional, já que as aulas são ministradas em inglês. Fiz muitas amizades lá e mantenho contato até hoje pelo *Skype e Facebook*. Entretanto, a maior contribuição para o meu desenvolvimento foi dos professores da universidade e escola, pois eles me ajudaram muito. Cheguei mal falando inglês e fui muito bem acolhida e incentivada por eles.

Teve uma época em que eu estava bem revoltada e tive muita vontade de voltar para o Brasil. Mas minha família estava morando na Tailândia, era onde eu deveria estar, ainda por ser menor de idade, não tinha como voltar e desistir, o jeito foi me adaptar. Após um tempo, percebi que esta experiência foi única e obtive um aprendizado muito grande para a minha vida. Eu tive muitas oportunidades de conhecer várias línguas, pessoas de vários lugares e viajar para outros países da Ásia. Então, eu acredito que foi uma vivência muito linda!

Hoje eu tenho uma mente mais aberta, consigo enxergar as coisas de várias formas, mais ampla. Eu acredito que ter uma vivência internacional ajuda a se fortalecer, pois você passa por muitos momentos difíceis, os supera e cresce como pessoa..Penso que se eu não tivesse tido esta experiência, não seria quem eu sou hoje. Pretendo e quero viajar por outros países, pois valorizo muito conhecer e respeitar outras culturas. As lições que aprendi na Tailândia foi respeitar a cultura do próximo e ter mais paciência.

Gostaria de trazer de lá o modelo de respeito, a sabedoria e tranquilidade dos tailandeses para o Brasil, assim saberíamos lidar melhor com as situações e problemas.

O brasileiro é muito agitado, ansioso e valorizei muito a constante paz deles. Em relação aos outros aspectos, gostaria que o Brasil melhorasse a segurança e adotasse transportes mais eficientes. Lá o transporte é barato e capaz de atender toda a população. Porém, algo que valorizo da nossa cultura é nossa sintonia com a família, ter os almoços, jantares em família, comemorações, ver aos jogos com os amigos, estamos sempre juntos. Isso é algo raro de ver no exterior.

Vivendo no Canadá por um ano pelo Ciências sem Fronteiras

Paula Becker Soll, 23 anos.

Profissão: estudante de Comunicação Social: Publicidade – UnB.

O que pretende: trabalhar com comunicação em uma área que me permita viajar.

Países que conhece: Argentina; Canadá; Estados Unidos; Peru; Portugal; México; Uruguai.



Passei o período de um ano em Ontário, no Canadá (julho/2012 a julho/2013) pelo programa *Ciências sem Fronteiras*. Lá eu tive oportunidade de estudar inglês, fazer um semestre na universidade e trabalhar, então foi uma experiência muito rica neste sentido. Foi apenas um ano (um ano da minha vida), mas foi o melhor ano da minha vida, a melhor experiência que eu já tive. A ideia de voltar para o Brasil, para a vida real, foi muito difícil. Quando eu pensava que tudo aquilo ia acabar, parecia que eu ia acordar daquele sonho. Então, foi a melhor coisa que eu já fiz.

Quando se pensa em Canadá, eu imaginava lagos, ursos, frio, montanhas. Porém, esta parte não é em todo o Canadá, localiza-se apenas na parte oeste do país (*West*). Eu conheci *Vancouver*, *Banff* e *Jasper*. Lá é onde há essas montanhas cobertas de gelo. Eu vi ursos e outros animais típicos canadenses. Para quem deseja conhecer mesmo o Canadá, sugiro ir para lá. Também tive a oportunidade de no natal viajar para a parte francesa: *Montreal* e *Quebec City*. Naquela época estava nevando e foi a primeira vez que eu vi a neve, então foi uma experiência de sonho (tudo branco, com casinhas diferentes). Então, recomendo visitar a parte francesa também.

A cidade que morei foi em *Windsor*, na província de *Ontario*, que fica na fronteira com Estados Unidos. Eu fiquei na residência da própria universidade que estudei, era uma casinha de três andares, uma ao lado da outra. Em cada uma havia: cinco quartos individuais, três banheiros, uma cozinha e sala grandes, era parecido com uma república

estudantil. Morei com um inglês, um alemão, um australiano e uma brasileira, todos estudantes de intercâmbio e fazíamos festas na nossa casa eventualmente.

Nas horas livres, passei uma grande parte do tempo cozinhando. A academia era livre, eu e meus amigos íamos sempre. Um outro passeio que adorava era atravessar a *Riverside* (margem do lago). Para mim, era uma das coisas mais gostosas passear por lá de bicicleta ou a pé, pois era perto da universidade. A vista deste local é maravilhosa, dá pra ver os prédios à noite de *Detroit*. Daria para chegar andando aos Estados Unidos, mas eles não autorizam porque é burocrático. Todas as vezes que nós íamos para lá, precisávamos passar na alfândega para a fiscalização.

A vista de *Detroit* é uma das coisas que eu mais sinto falta. Eu e os meus amigos gostávamos muito de ir para este lugar e íamos também a *Downtown*, que tinha as baladas, uma ao lado da outra. Nas quartas, sextas e sábados, eram os dias que nós saíamos. Além disso, atravessávamos a fronteira para comprar coisas mais baratas nos Estados Unidos naqueles shoppings *outlets* imensos.

O Canadá luta para ter uma identidade cultural, por ser um país cosmopolita, há muitos imigrantes (árabes, indianos, chineses). Em geral eles ganham incentivos, e os canadenses tratam todos bem. Então, alguns aspectos culturais de outros países foram trazidos para a cultura deles. Isso reflete em diversos aspectos, inclusive na culinária, portanto é difícil ter uma comida típica. Há muita comida asiática e árabe. Lá é muito comum o *Shawarma*, que é um pão com frango, salada, parecido com um sanduíche, o *Wrap*. Também tem *poutine*, um prato com batatas fritas, queijo e molho. Uma loja típica de lá é a cafeteria *Tim Hortons*, que é muito parecida com a *Starbucks*, mas esta é tipicamente canadense. São oferecidos *Muffins*, *Donuts*, salgados e café. Eles têm muito orgulho do *Tim Hortons*, tem em toda esquina e a um preço baixo. Um outro produto é o *syrup* feito de *Maple leave*, que é como uma cobertura para as panquecas. É gostoso, mas eu não fazia muita questão. É algo típico do Canadá, mas é um típico “forçado”, há um marketing em cima disso para turistas. (A folha do *Maple* é o símbolo da bandeira canadense).

Em relação às curiosidades culturais, elas variam conforme o ambiente. Tem o ambiente de trabalho, universitário e as festas. Por exemplo, no trabalho, os canadenses trabalham por menos tempo, o expediente inicia as 8h30 da manhã e vai até as 4h30 da tarde. Isso é muito bom porque eles conseguem buscar os filhos na escola, no verão fica claro até tarde, então ainda há muita coisa para fazer, mas no inverno é o oposto. Constatei uma grande diferença entre os brasileiros e canadenses na questão com o horário de almoço, pois o brasileiro valoriza muito esta refeição. Lá eles não têm isso, cada um leva a sua marmita ou pede por tele entrega e come em sua mesa, não costumam sair juntos.

Na universidade, o aspecto cultural que me chamou atenção foi a diversidade. Há estudantes de várias partes do mundo, principalmente muçulmanos, indianos e italianos.

Os canadenses são educados, mas eles são muito mais fechados que os brasileiros, por exemplo. Então, nas festas é muito mais difícil fazer amizade, mas eles gostam de imigrantes. Nas festas e baladas, eles são muito rígidos em relação à idade permitida para entrar, a mínima é 19 anos e eles sempre pedem a identidade. Um costume deles são joguinhos de bebida, e eles não dançam muito. Uma diferença em comparação com os brasileiros, é que nós cumprimentamos, beijamos e abraçamos em público. No Canadá, isso é muito raro, eles são mais discretos nesse sentido. O cumprimento lá é apenas com um aperto de mão.

Outra questão que notei, é que o país é muito rigoroso no controle do alcoolismo, não é permitido beber na rua em hipótese alguma e não existem bares abertos na rua. Só pode beber dentro das festas.

A maior dificuldade que tive foi com o idioma. Ainda que a adaptação seja a parte mais gostosa, no sentido de aprender todo dia uma coisa nova, porém é um obstáculo, pois muitas vezes hesitamos em conversar com alguém por insegurança de não dominar a língua 100%. No trabalho, quando tive que fazer apresentações em público, o nervosismo foi muito maior. Então, o idioma é sempre um desafio que é preciso combater diariamente. Uma outra situação complicada que passei foi para realizar a troca de câmbio, eu perdi muito dinheiro com isso porque recebi a bolsa estudantil em reais e, para transferir para o Dólar Canadense, o valor no dia estava muito alto. Então, a dica que eu dou é o quanto antes a pessoa puder fazer a troca do câmbio, melhor. Como eu deixei para a última hora, acabei tendo prejuízo.

O inverno também foi um período muito difícil, o frio é uma situação estressante porque começa a escurecer às 4h30, 5h da tarde, então é um ambiente mais depressivo. Porém, apesar dos contratemplos, nunca pensei em desistir, mas eu acho que essa é uma característica minha. Eu já estava lá e só queria isso, nada me fazia falta porque estava muito feliz.

Fiquei emocionada ao saber como o brasileiro é querido lá, porque eu convivi com muitos outros estudantes brasileiros e, quando saíamos em grupo, todos se apaixonam pelos brasileiros, porque somos muito fáceis de fazer amizade. Eu acredito que a experiência de sair do próprio país faz com que possamos aprender sobre nós mesmos, sobre a nossa cultura. E foi isso que eu aprendi: que os brasileiros são amigáveis e muito queridos. O curso de inglês que fiz foi basicamente com chineses. A experiência foi incrível e eu aprendi muito. Durante minha estadia no Canadá, fiz amizade com pessoas do mundo inteiro, além dos brasileiros, franceses, italianos, europeus de modo geral e australianos. Os canadenses foram os que menos eu conheci. Continuo mantendo contato com todos e pretendo vê-los no futuro.

Apesar de ter sido bem acolhida, notei que os norte-americanos em geral sabem muito pouco sobre a América do Sul, então era preciso driblar algum preconceito diariamente, mas eu lidei com isso de muito bom humor, com muita ironia. Entretanto,

os canadenses são abertos a mudar a mentalidade, até porque eles estão acostumados com imigrantes. No trabalho, fiquei muito feliz com as pessoas por terem sido tão carinhosas. Em geral, conheci pessoas incríveis, que me ajudaram muito. Eu ia para o trabalho de bicicleta, eu estava lá sozinha, pois querendo ou não, eu estava lá e ninguém me conhecia. Eu tive que cozinhar, falar em inglês. Então, eu acho que nesse sentido eu me sinto mais preparada, afinal tive que vencer muitas barreiras, e a melhor parte disso foi a evolução que tive no idioma, mas ainda acredito que sempre tem mais alguma coisa para aprender. Portanto, pretendo ainda estudar outras línguas.

Voltei pensando que o mundo é pequeno. A sensação é que só quero viajar mais, por isso penso em ter algum emprego que me permita viajar. Eu amo conhecer diferentes culturas, tanto que agora eu acho que preciso disso. É muito incrível vermos o quanto somos semelhantes a muitas pessoas, apesar das diferenças.

Falando do Brasil, após esta vivência, acredito que precisamos de mais autoestima, nem tudo aqui é tão pior. Nos outros países ocorrem problemas também, mas eles encaram isso com naturalidade. Eles acreditam neles mesmos, no governo, e isso falta para nós devido a diversos problemas como falta de infraestrutura no trânsito, corrupção, porque o Brasil é rico, mas ninguém faz direito as coisas, e há o desvio do dinheiro. Por outro lado, temos do que nos orgulhar. Constatei que nossas universidades públicas têm um nível muito bom. No Canadá, a universidade onde eu estudei era particular, então querendo ou não, qualquer um pode entrar.

Vejo que o Brasil está mudando, evoluindo, tanto que estamos recebendo mais estrangeiros, isso é um bom sinal. Nosso clima é um dos melhores do mundo, isso eu tenho certeza. Apesar do calor, é incrível, temos sol todos os dias, céu azul, e isso não tem lá no Canadá. Nós somos muito fáceis de fazer amizade. Eu me orgulho disso e de estarmos sempre felizes, fazendo festas. O pessoal que eu conheci lá dos brasileiros, eles são muito bacanas no sentido de serem competentes, responsáveis, porque como não temos muita autoestima, sabemos que precisamos estudar, nos esforçar, trabalhar. Só com o trabalho conseguimos as coisas.

No Canadá, a vida deles é mais fácil. Lá, se eles não trabalharem direito, eles têm uma vida boa, uma casa boa. Aqui no Brasil, só com muito trabalho, então acredito que criamos essa personalidade de lutadores, de mostrar a nossa competência e competitividade. Então, falta mais isso de não desmerecer o que nós temos aqui e analisar o que pode mudar.

Dicas para um mochilão pela América do Sul: Bolívia, Chile e Peru

Victor Fagundes, 24 anos.

Profissão: estudante de Direito, formando.

O que pretende: ser funcionário público ou ser dono do próprio negócio.

Países que conhece: Bolívia, Chile e Peru.



Ter feito um mochilão pela América do Sul foi uma experiência muito boa, de vida, não só de viagem. É algo que fica marcado, é inesquecível e acrescenta muito. Você cresce, vê outras culturas e acaba vendo o mundo de outra forma. Isso é muito interessante, vale muito a pena. Os países que visitei foram: Peru, Bolívia e Chile nessa sequência, e cada um tem suas peculiaridades e lugares interessantes.

Fiquei hospedado em *hostels* em todos os lugares a que fui. Geralmente, no próprio *hostel* é possível obter uma série de informações turísticas para conhecer os principais lugares, e eu já fui preparado também, levei um livro com várias informações turísticas e me planejei, então eu já sabia o que iria fazer em cada dia. O que me surpreendeu foi que em todos os lugares a que fui havia guias bilíngues (inglês/ espanhol).

No Peru, o lugar mais famoso é *Macchu Pichu*, mas eu gostei muito de *Lima*, a capital. É um lugar muito turístico, interessante. Na Bolívia, gostei do *Deserto de Uyuni*, *Estrada de la Muerte* e em *La Paz*, a capital tem bastante coisa legal para conhecer também. As cidades no Chile, notei que possuem uma infraestrutura excelente. Em todas têm muita coisa bonita para conhecer, *Santiago* é uma cidade maravilhosa. Além disso, dos três países que conheci, não tenho nada para reclamar em questão de segurança, porque eu não passei por nenhuma situação de assalto, nada nesse nível.

Passeios:

Peru: Em *Lima* há uma ótima infraestrutura, a cidade conta com excelentes museus e a arquitetura dos locais também é interessantes devido aos fatos históricos, por ter sido colônia da Espanha. Existem praças enormes, uma mais bonita que a outra, sem contar com os sítios arqueológicos que têm no meio da cidade, é bem legal. Lá também tem praias, inclusive algumas mais restritas às pessoas de melhor poder aquisitivo, próximas aos bairros nobres. Eu fui a um bar que era todo temático de futebol, chama-se El Estadio e tudo lá é sobre futebol. Havia um boneco do *Pelé* sentado ao lado do boneco do *Maradona*. Para mim foi bem legal, sou fanático.

Em *Cuzco* eu fui a uma festa em uma boate que havia diversas músicas locais, mas também tocou música brasileira. Foi de graça para entrar e fui com o mesmo grupo que tinha ido para *Macchu Picchu*.

Bolívia: um local que me chamou atenção no país foi o *Deserto de Uyuni*. Na realidade, durante o passeio há visitas a vários tipos de deserto, com diferentes

paisagens que duram de dois a três dias. O lugar em si é bem simples, são umas cabanas, ou casas de tijolo com sal no meio do deserto, mas é isso que é legal, pelo menos para quem está fazendo mochilão, é isso que a gente quer: conhecer o lugar do jeito que ele é, ter contato com as pessoas do lugar, ver como eles vivem, não da forma como é para o turista, mas como é da forma natural para os habitantes, e isso é bastante interessante.

Em *Copacabana* (Bolívia), há a *Isla del Sol*, uma praia de ponta a ponta, é bem legal. Em *La Paz* (Bolívia), eu fui ao *Vale de la Luna* e no *Chacaltaya*, que tem 5.430 metros de altura. Só que o melhor passeio de todos foi o que fiz de bicicleta, na cidade de *Coroico* (Bolívia). É um passeio que dura o dia inteiro. Você vai bem cedinho, umas 6 horas da manhã, pega uma bike alugada, desce na *Estrada de la muerte*, chega ao fim e toma banho no rio. Para mim foi a coisa mais espetacular do mundo. A estrutura do lugar é boa, os guias são bons, tudo foi excelente, as pessoas que estavam comigo, gente do mundo inteiro, eram muito legais.

Chile: lá tem o *Vale de la Luna*, que tem um belo pôr do sol, um dos mais lindos que eu já vi. Eu e meu irmão fizemos *Sandboard* na cidade de San Pedro de Atacama e foi muito legal, vale a pena.

Compras:

Peru: um produto muito típico é a lã de *alpaca*, então lá vale a pena comprar roupas de frio feitas deste tipo de material, como meias, gorro, luva, casaco e poncho. Em geral, os preços são mais baratos que no Brasil, apesar que a moeda peruana em relação ao real, a diferença entre elas é de apenas 50 centavos. De qualquer forma, compensa comprar lá pela qualidade e característica própria, já que estes produtos não são encontrados em qualquer lugar. Em geral há diversas feiras próximas aos locais turísticos.

Bolívia: em *La Paz*, eu vi que um lugar famoso para visitar e comprar bem é a *Feria de Las Brujas*. Após entrar no local, dá para entender por que o nome é esse. Você pensa: “Que ambiente pesado é esse aqui!”. Há substâncias de bruxaria à venda, como por exemplo feto de *alpaca*. (*O que alguém faz com isso?*). Porém, há outras lojas com produtos turísticos: chaveiro, camisetas, casaco e souvenir. Compensa mais comprar na Bolívia do que no Peru, devido ao valor da moeda boliviana ser mais baixo.

Chile: passei poucos dias em *Santiago*, a cidade que eu fiquei mais tempo foi *San Pedro do Atacama*, mas lá não indico fazer muitas compras porque as coisas são bem mais caras do que na Bolívia e no Peru. Pelo valor da moeda, você sente um baque pela diferença de valores.

Comidas típicas:

Peru: o prato típico é o *ceviche*, que é um prato com peixe, vários crustáceos, tem camarão, lula. Ele é todo escaldado em um molho de pimenta com limão. Na minha opinião, não é ruim, mas é muito forte, então às vezes você não aguenta comer tudo porque é um prato bem pesado. Também há uma bebida que achei interessante chamada *Psico sour*, eu achei muito parecido com a caipirinha. É batido com clara de ovo, para quem gosta de beber é bom. Outra bebida típica é a *Chicha Morada*, que é parecida com um suco de groselha, mas feito de milho roxo. O tira gosto, no restaurante, em vez de ser amendoim, são uns grãos de milho gigantescos com sal. Lá eu também fui a uma feira de gastronomia e comi uma sobremesa feita com esse milho que achei bem legal. Além disso, experimentei um lombo salgado com vários legumes, cebola e pimentão, parecido com um frango xadrez, é bem temperado e gostoso. Um outro prato peruano é o *cuy*, que é a carne do porquinho da índia. Eu não comi porque é muito caro e “meio estranho”.

Na **Bolívia:** provei uma truta do lago *Titicaca*, que é um peixe de água doce, e achei bem gostoso. E por fim, no **Chile** comi *empanada*, que é uma pasta gigante, ela é assada e é como se fosse um empadão em forma de pastel. Tem vários sabores e em alguns lugares é barato, achei bem gostoso.

Finanças:

Eu e meu irmão nos planejamos na medida do possível para este *tour* pela América Latina. Em relação ao dinheiro, levamos mil reais em dólares e mais 500 dólares no cartão *Visa Travell Money*. Este cartão nem sempre é muito vantajoso, já que não é aceito em todos os lugares. Além disso, para sacar no banco é necessário pagar taxas. Então, na minha opinião, é bom levar tudo em dinheiro mesmo ou cartão de crédito para alguma emergência, ou para restaurantes, já que a maioria aceita, e assim pode-se guardar o dinheiro para passeios. Entretanto, isso é relativo e varia de acordo com cada circunstância e pessoa. Para trocar o câmbio em *Lima* há diversas opções, há uma rua com várias casas de câmbio. Fiquei impressionado com a variedade e facilidade, vi que a maioria aceitava reais, mas para garantir é bom levar todo o dinheiro em dólar, que é mais aceito e trocam em qualquer lugar.

Dicas/ Planejamento:

É bom viajar com uma ideia prévia dos lugares aos quais se deseja ir. Sugiro levar um guia que indique locais e informações úteis, porque você sempre terá uma informação a mais que pode carregar. Normalmente os funcionários dos *hostels* dão bastante informação. Também fiz amizade com habitantes da cidade, eles dão informações e, em geral, são educados. Uma boa ideia é alugar bicicleta porque você pode conhecer vários pontos da cidade pedalando. Eu também recomendo imprimir todas as passagens aéreas e vouchers das empresas aéreas com os horários dos voos, pois se não fosse por isso, imagino que talvez eu teria ficado na mão em algum momento. E outra coisa: é bom reservar os *hostels* com antecedência, porque você pode chegar lá e não ter vaga. Sugiro

entrar em contato por e-mail, ler os comentários dos clientes no *Facebook* ou *sites*, ver se tem vagas e efetuar o pagamento só na hora.

Durante o mochilão, conheci diversas pessoas, entre elas algumas brasileiras de *São Paulo*. Nós nos conhecemos dentro do ônibus de *Cuzco*, no Peru, para *Copacabana*, na Bolívia, e elas passearam conosco várias vezes, ficamos bem amigos. Elas já vieram até me visitar em *Brasília*. Além disso, fiz amizade tanto com estrangeiros turistas quanto nativos também. Os habitantes locais foram muito simpáticos. Os amigos que fiz, mantenho contato até hoje pelo *Facebook*.

Eu amadureci muito com esta viagem. Mudou algumas coisas, como eu penso, e me abriu novos horizontes. Por exemplo, estou pensando em abrir um *hostel* e esta ideia partiu da viagem, porque eu não iria ter noção alguma sobre o funcionamento de um *hostel* e como o turismo deve ser feito para o crescimento da cidade. Na minha opinião, se um local deseja desenvolver-se, o turismo está completamente envolvido com isso, e foi como turista que eu aprendi isso. Pretendo fazer muitas outras viagens, mochilão novamente, e cursos de idioma no exterior, mas como estou me formando este ano, primeiro vou me preparar financeiramente. Acredito que qualquer experiência que temos em nossas vidas nos agrega, tanto positivas quanto negativas.

Por fim, a viagem fechou com chave de ouro porque houve um erro com a nossa companhia aérea, que foi a *LAN* e eles cederam um hotel 5 estrelas para a gente em *Santiago*. Pudemos comer e beber do bom e do melhor sem nem um real na carteira.

Experiências de um mochileiro pela América Latina: aspectos culturais



Eu e meu irmão resolvemos fazer um mochilão pela América do Sul durante 20 dias. De *hostel* em *hostel* conhecemos uma parte da cultura latina, e aqui listo diversas curiosidades e fatos inusitados que percebi e compartilho com os futuros mochileiros.

Em Lima, o que mais apreciei foram as praças floridas e a limpeza da cidade. Um aspecto que percebi é que apesar de alguns nativos serem mais tradicionalistas, reparei que em geral os peruanos são bem ligados na questão do vestuário, a marcas esportivas como *Adidas*, *Nike*, *Puma*, entre outras. Um fato que me marcou também foi que no meu último dia lá, eu e meu irmão estávamos caminhando pela cidade e acabamos descobrindo que estava havendo uma feira gastronômica. Ao lado havia um pessoal dançando algumas danças típicas. Achei interessante as pessoas lá terem este costume de dançar, presenciei uma cena com diversos jovens entre 15 e 20 anos, dançarem em grupos vários tipos de músicas de forma sincronizada e com coreografia. Em *Cuzco*, assisti a um desfile militar, as praças da cidade estavam cheias de gente, havia bastante turistas e alguns nativos vestidos com roupas típicas dançando. Eu acredito que eles estavam em um ensaio para alguma apresentação.

Copacabana, na Bolívia, é uma cidade que faz fronteira com o Peru. Passeando por lá à noite, avistei uma festa dentro do ginásio de esportes, mas era necessário pagar para entrar. Como meu dinheiro estava contado e precisava retornar logo para o hostel, resolvi filmar por cima do portão para ver o que estava acontecendo. Depois, vi que eram várias apresentações. Por ser um cidade pequena, imagino que as maiores atrações deveriam ser as festas naquele ginásio, além de atividades no *Lago Titicaca*.

No Chile, conheci a cidade *San Pedro de Atacama*, e me senti como se eu ainda vivesse na época da ditadura, porque à noite lá é proibido ficar na rua bebendo, não pode ter festas na cidade, a maioria das que ocorrem, em geral, são clandestinas e a polícia faz o controle. Acredito que este fato é devido a cidade ainda ser muito pequena e lá permaneceram alguns resquícios da ditadura. À meia-noite, tudo já está fechado. Mas mesmo assim, é uma cidade que atrai muitos turistas do mundo inteiro, pois há muitas atrações turísticas ligadas à natureza local.

Um aspecto que me marcou negativamente na Bolívia foi referente à pobreza. Ao chegar lá, fiquei surpreso achando que devia ser outra cidade devido a forma como eles vivem, em prédios inacabados, parece uma grande favela. Apesar disso, não achei perigoso. Já em Lima, um fator não muito agradável que notei foi que a cidade é muito barulhenta. Há muita buzina no trânsito, uma grande poluição sonora.

A todos os locais que fomos nos hospedamos em *hostels*, cada um oferece diferentes opções. Na minha opinião, compensa hospedar-se nesses locais porque é bem mais barato do que hotel. Em todos, eu e meu irmão optamos por ficar em quartos coletivos, pois quanto mais pessoas no quarto, mais barato é normalmente, além de ser uma oportunidade para conhecer novas pessoas. Dividimos quarto com irlandeses, suíços, franceses, americanos, chilenos, coreanos, japoneses. Houve até mesmo uma situação

inusitada. Quando chegamos ao primeiro hostel em Lima, conhecemos um americano e descobrimos que, por coincidência, ele iria ficar no mesmo hostel que a gente em *Cuzco*, e assim ficamos no mesmo quarto novamente

A única dificuldade que tive em relação à hospedagem foi no Chile, em *San Pedro de Atacama*, porque eu não havia reservado previamente um hostel e acabamos ficando em um local que era o mais barato, mas era bem “trash” (de má qualidade, estranho). Entretanto, em nenhum momento pensei em desistir do mochilão por causa de circunstâncias difíceis. Claro que havia momentos em que eu estava cansado e sentia falta do conforto da minha casa. No fim das contas, foi bom chegar em casa. Porém, ao mesmo tempo, queria ter ficado mais tempo viajando. Fiquei neste paradoxo, mas para mim foi perfeito, não mudaria nada! O legal de viajar não é só conhecer os lugares, mas também as pessoas.

As pessoas que conheci em cada local contribuíram para o meu amadurecimento, porque elas fazem parte da nossa viagem. Só o tempo que você gasta conversando com pessoas de outras culturas, na realidade, você ganha sabedoria sobre o modo de vida delas em relação a muitos aspectos como política, costumes e tradições. Desta forma, você confirma ou quebra paradigmas pré-estabelecidos. Dá vontade de sair correndo para conhecer todos os lugares do mundo. Durante o mochilão, pude ver pessoas de todos os estilos, inclusive mais aventureiras, soltas no mundo, que não estão presas a nenhum bem material, e ao conhecê-las, comecei a refletir se realmente devemos dar tanto valor para o que nós damos em nossas vidas. Eu acho que não. Vi que os mochileiros são muito felizes só fazendo isso, viajando pelo mundo afora.

De todos os passeios que fiz durante a viagem, o que mais me emocionou foi na cidade de *Coroico*, na Bolívia. Ter descido na *Estrada de La Muerte* de bicicleta e ter tomado banho de rio, para mim isso foi espetacular! Além disso, almoçamos em uma cabana, e no local havia macacos e arara. Este passeio, na minha opinião, ganhou inclusive do *Deserto de Uyuni*, também na Bolívia, e de *Macchu Picchu*, no Peru, porque destes lugares eu já tinha ouvido falar bastante e já esperava muita coisa. Então, eu tinha uma grande expectativa e realmente esses lugares são muito bons. Mas o passeio de bicicleta em *Coroico* é uma coisa que ninguém que eu conhecia havia feito e foi muito além do legal, porque eu amo pedalar e estava com pessoas que se tornaram meus amigos e me marcaram. Enfim, esta foi uma surpresa agradável e inesquecível, que me marcou e eu faria novamente.

Após ter conhecido estes países vizinhos do Brasil e ter ampliado a minha percepção de várias formas, vejo que definitivamente o sistema de transporte no Brasil precisa melhorar com certeza, porque em comparação ao do Peru, constatei que os transportes públicos de lá são acessíveis e atendem toda a população a um preço bem justo, então é muito melhor do que os do Brasil e bem mais barato.

Além disso, acredito que nosso país ainda precisa melhorar muito no quesito do preparo turístico, como ter mais infraestrutura, guias turísticos, centros de informação, profissionais bilíngues (inglês/espanhol) e principalmente o governo e a população deveriam explorar melhor o potencial turístico de cada local. Em algumas cachoeiras não há uma estrutura decente e, em restaurantes, muitos ainda faltam adquirir um cardápio bilíngue. Até mesmo onde vivo, em *Brasília*, capital do país, na *Esplanada dos Ministérios* não há um sistema de transporte com qualidade e infraestrutura turística, só existem opções para quem mora na cidade e já a conhece. Os táxis não são muito eficientes e cobram muito caro, em comparação a outros lugares. Por fim, acredito que a falta de infraestrutura é o pior problema para o turista no Brasil, pois são poucos os lugares no Brasil que tem esse tipo de preocupação. Sei disso porque já viajei bastante pelo país.

Um outro fato é que a cultura de *hostel*, albergues, no Brasil, praticamente não existe, por isso tive vontade de abrir um em Brasília, porque mesmo que haja hotéis, quem é mochileiro não quer hospedar-se lá. Haverá demanda por hospedagem na Copa e nas Olimpíadas. Além disso, há vários locais próximos a Brasília que são pontos turísticos a serem explorados, como cachoeiras, *Chapada dos Veadeiros*, ou até mesmo o *Parque Nacional de Brasília (Água Mineral)* e a *Ermida Dom Bosco*. O turista iria gostar de visitar, caso tivessem uma infraestrutura adequada. Uma grande riqueza de Brasília também é o céu, o pôr do sol é maravilhoso, enfim, há muitos pontos turísticos interessantes que não estão sendo explorados como deveriam.

Por outro lado, valorizo aspectos de nossa cultura como o fato de sermos bastante receptivos. Se alguém está com dificuldade, o brasileiro, em geral, tenta ajudar. Mesmo que o estrangeiro não saiba falar português, espanhol, ou qualquer outro idioma, o brasileiro dá um jeito de se comunicar com aquela pessoa e consegue ajudar de algum jeito. O que ainda precisamos melhorar é a educação e o cuidado com a poluição. Ainda há muitas pessoas que tem o costume de jogar lixo no chão.
